



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia de Ciências Humanas

Raissa Vasques de Santa Brigida

A noção de Materialismo em Gaston Bachelard

Rio de Janeiro

2009

Raissa Vasques de Santa Brigida

A noção de Materialismo em Gaston Bachelard



Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marly Bulcão Lassance Britto

Rio de Janeiro

2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ CCS/A

B119 Brigida, Raissa Vasques de Santa.
A noção de materialismo em Gaston Bachelard/ Raissa Vasques de
Santa Brigida - 2009.
80 f.

Orientadora: Marly Bulcão Lassance Brito. .
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Bachelard, Gaston, 1884-1962. 2. Materialismo, ~~~- Teses. 3.
Filosofia francesa, ~~~- Teses. I. Brito, Marly Bulcão Lassance. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

CDU 1(44)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Raissa Vasques de Santa Brigida

A noção de Materialismo em Gaston Bachelard

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Aprovada em 29 de setembro de 2009.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Marly Bulcão Lassance Britto (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Prof^a. Dr^a. Dirce Eleonora Nigro Solis
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Prof^a. Dr^a. Teresa Castelão-Lawless
Grand Valley State University

Rio de Janeiro

2009

DEDICATÓRIA

Aos que se fizeram presentes nessa jornada chamada vida, testemunhas de minhas fraquezas e sucessos, quedas e superações, dores e alegrias:

Mãe, Pai, Irmão

AGRADECIMENTOS

À Banca examinadora, por ler, comentar e contribuir com a finalização de meu trabalho, que outrora foi um sonho, hoje realizado.

Aos Professores da UERJ em geral, por contribuírem com minha formação acadêmica, por me mostrarem os diversos matizes da Filosofia.

À Marly, primeiramente por ter me apresentado a leitura de Bachelard. Por permitir uma relação sincera que rompe com os limites da orientação, confundindo-a com a amizade. Pela maestria exercida em sua função de orientadora.

Aos colegas de faculdade, que ajudaram a colorir a cinzenta UERJ.

Às meninas da UERJ, pelos momentos de risos e lágrimas. Pelos grupos de estudo que iam além da Filosofia. Em especial à Marcela e Michelli, cuja amizade eu levo pra vida.

À Betine, por, no quarto período da graduação me convidar pra assistir com ela a disciplina eletiva Estética II, possibilitando meu encontro com a 'desconhecida' professora.

A Rogério, por me ensinar que a vida também é uma festa.

A Eduardo, terapeuta e amigo, com a certeza de ter ajudado em várias crises, das mais tensas as fúteis. Por servir de espelho, onde me conheço melhor.

À Raquel, por me presentear com um anjinho chamado Samuel. Por sua amizade incondicional, ilimitada.

A meus amigos em geral, cujos nomes não citarei, temendo ser injusta ao esquecer alguém.

À família, que distante, se faz presente na saudade.

A Ramon, irmão que é exemplo de auto-superação e dedicação em busca de um objetivo.

Pai e mãe, meus pilares, fortaleza. Ninho, fonte de amor e de confiança.

A partir da altura em que o homem se apodera efetivamente dos poderes da matéria, quando já não sonha com elementos intangíveis ou átomos curvos, mas organiza realmente novos corpos e comanda forças reais, ele chega à vontade de poder dotada de uma verificação *objetiva*. Transforma-se num mágico verídico, *demônio positivo*.

Gaston Bachelard

RESUMO

BRIGIDA, Raissa Vasques de Santa. *A noção de materialismo em Gaston Bachelard*. 2009. 84 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2009.

O objetivo da dissertação é fazer uma análise do materialismo presente nas duas vias do pensamento de Gaston Bachelard, a epistemológica, e a poética. Vamos partir da hipótese de que a noção bachelardiana de materialismo surge na poética dos elementos cósmicos sendo depois desenvolvida e aprofundada na vertente epistemológica, principalmente na obra *O materialismo racional*. O desenvolvimento do trabalho tornará evidente a distinção bachelardiana entre a imaginação material e a imaginação formal, e a crítica que Bachelard faz à perspectiva substancialista dos elementos apresentada por certos autores. A análise da vertente epistemológica vai se voltar para a química do século XX a fim de mostrar que esta supera o substancialismo, inerente às teorias químicas antecedentes. A conclusão tornará evidente a conceitualização da matéria enquanto *resistência*, ressaltando a crítica que Bachelard faz ao vício da ocularidade.

Palavras chave: Gaston Bachelard. Materialismo. Vício da ocularidade. Imaginação material. Resistência

RÉSUMÉ

Cette dissertation a comme finalité de faire une analyse du matérialisme qui est contenu dans les deux versants de la pensée de Gaston Bachelard, l'épistémologique et le poétique. On partira de l'hypothèse que la notion bachelardienne de matérialisme a surgi dans la poétique des éléments cosmiques, pour se développer et s'approfondir ensuite dans le versant épistémologique, principalement dans l'ouvrage *Le matérialisme rationnel*. Le développement du travail va mettre en évidence d'un côté la distinction bachelardienne entre les deux types d'imagination, l'imagination matérielle et l'imagination formelle et de l'autre, la critique que Bachelard oppose à la perspective substantialiste des éléments présentés par certains auteurs. L'analyse de la voie épistémologique va se tourner vers la chimie du XXème siècle afin de démontrer comment cette branche de la science a su dépasser les difficultés présentées par le substantialisme contenu dans les théories chimiques antérieures. Le travail se terminera en mettant en évidence la notion de matière comme *résistance*, faisant ressortir en même temps la critique que fait Bachelard du vice de l'ocularité.

Mots clés : Gaston Bachelard. Matérialisme. Vice de l'ocularité . Imagination matérielle. Résistance

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 PRINCIPAIS ASPECTOS DO PENSAMENTO BACHELARDIANO.....	16
2 DA POÉTICA À EPISTEMOLOGIA: O CAMINHO DO MATERIALISMO.....	34
3 O MATERIALISMO ERUDITO.....	55
4 CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS.....	77

INTRODUÇÃO

Gaston Bachelard nasceu em 1884, em Bar-sur-Aube, interior da França. Teve sua formação filosófica através da ciência, fazendo parte de uma geração de epistemólogos, tais como Émile Meyerson, Léon Brunschvicg, Pierre Duhem, que trataram das revoluções científicas que caracterizaram o início do século XX. Contudo, ao longo de seu trajeto filosófico, Bachelard defrontou-se com questões de cunho estético e também dedicou algumas de suas obras ao tema da arte.

Na vertente epistemológica, o filósofo procurou analisar as transformações científicas que revolucionaram as ciências do início do século XX: as geometrias não-euclidianas¹, a teoria dos quanta, a teoria da relatividade e a mecânica ondulatória. Estas revoluções romperam com os categorias científicas anteriores, e necessitavam de uma nova filosofia que melhor as descrevessem. Bachelard identificou essa necessidade e começou a delinear sua filosofia através de livros como *O novo espírito científico* e *A formação do espírito científico*. Bachelard tratou das revoluções, analisando-as a partir de categorias inerentes a elas, mostrando a dialética presente no momento de seu surgimento.

Outra preocupação do filósofo foi mostrar como as imagens arquetípicas presentes no inconsciente humano podem ser prejudiciais ao conhecimento científico. Posteriormente, Bachelard, seduzido pelas imagens, procurou mostrar como o imaginário também faz parte da vida humana. Assim Bachelard desdobra seu pensamento em outra vertente, dedicando-a à questão da imagética na literatura. A última fase do pensamento de Bachelard é um elogio ao devaneio poético, onde ele se voltou para a expressão artística, fazendo considerações que contribuem para o surgimento de nova modalidade de crítica literária.

Não é possível estabelecer limites cronológicos entre as duas vertentes do pensamento bachelardiano, visto que o filósofo alterna a publicação de obras racionalistas e obras poéticas. Bachelard aponta uma antropologia que compreende as duas fases de seu pensamento: a epistemologia e a poética. Segundo ele, o homem deve viver as vinte e quatro horas de seu dia: a fase diurna, onde o ser

¹ Cabe ressaltar que as Geometrias não-euclidianas datam do fim do século XIX. Bachelard, entretanto, as enquadra como pertencentes aos movimentos científicos do início do século XX, que instauraram a ruptura que ele demarca, pois considera que tais Geometrias também compartilham do mesmo espírito inovador.

humano trabalha, é racional e pragmático, e a fase noturna, onde o ser humano se entrega aos prazeres de seus devaneios. Assim, o homem pode vivenciar todas as potencialidades de seu ser.

Seguindo a antropologia bachelardiana, afirmamos que as duas vertentes do seu pensamento se complementam, de maneira que não se pode falar de um lado sem que haja um entrelaçamento com o outro. Os temas, as categorias, os conceitos, as práticas são os mesmos, seja na vertente poética, seja na vertente científica, claro, com suas especificidades e peculiaridades. Porém, não há consenso entre os diversos intérpretes da obra bachelardiana.

Um dos temas que marcam a correlação entre as duas vertentes é a noção de materialismo, que na área epistemológica é tratada a partir das revoluções ocorridas na química, e na área poética, a partir da distinção entre imaginação material e imaginação formal. José Américo Pessanha, intérprete do pensamento bachelardiano, corrobora nossa tese:

No tema do materialismo [encontramos] a manipulação da matéria, a demiurgia, em ampla acepção (artesanal ou onírica, racional ou científica), torna-se o ponto onde se cruzam ciência e poesia, razão e devaneio.²

O materialismo é uma noção importante por permitir uma análise geral da epistemologia bachelardiana, podendo se aprofundar para a caracterização da química do século XX. E também por permitir analisar a vertente poética de seu pensamento em sua fase inicial, através dos principais temas inerentes a esta vertente.

Nossa dissertação, portanto, trata das duas partes do pensamento bachelardiano, pretendendo apresentar uma interpretação inédita ao sugerir que o materialismo só ganha espaço nos estudos bachelardianos a partir da poética dos elementos cósmicos. Assim, temos um tema da vertente poética sendo desdobrado na vertente epistemológica.

A poética dos elementos surge no pensamento bachelardiano a partir de suas considerações acerca da formação do conhecimento objetivo no século XX. Segundo o autor, ao afastar as fontes de irracionalidades, tais como o discurso do senso comum, as metáforas, os elementos imaginativos, os cientistas podem formular um discurso objetivo de teor mais apurado, mais preciso. A esta prática de

² PESSANHA, J. *Vida e obra*. Abril Cultural. São Paulo. 1978. (Os pensadores). p.8.

eliminação de subjetividades e irracionalidades, Bachelard denomina *psicanálise do conhecimento científico*, que o filósofo realiza com relação ao conhecimento do fogo no livro *A psicanálise do fogo*. Ao longo do volume Bachelard percebe características particulares com relação ao imaginário sobre o elemento ígneo, e, em uma proposta racionalista, empreende-se a tarefa de traçar características particulares do imaginário de cada elemento cósmico. Nas obras seguintes, seu objetivo não mais é sugerir uma correção do intelecto: trata-se agora, através de análises de diversas imagens literárias, tentar encontrar uma causa arquetípica (material) comum a elas. E assim temos *A água e os sonhos*, *O ar e os sonhos*, *A terra e os devaneios da vontade* e *A terra e os devaneios do repouso*.

Ao seguir essa proposta, Bachelard descobre a potência onírica dos elementos cósmicos, que são tratados pelos escritores e poetas analisados por ele, e também por ele mesmo, de maneira substancialista, aos moldes das filosofias tradicionais, das cosmogonias antigas e da alquimia.

Porém Bachelard percebe que esse tratamento substancialista não tem mais espaço na contemporaneidade, não sendo mais praticado pelas ciências vigentes, que, com suas novas teorias, delimitam novas conceitualizações. Assim, ao escrever *O materialismo racional*, Bachelard aponta, além de uma nova postura da ciência – de valorização da matéria – a nova conceitualização da matéria enquanto força.

Esta dissertação tem o objetivo de mostrar o caminho de Bachelard pelo tema do materialismo, indicando seu princípio, ainda na vertente epistemológica, através de *A psicanálise do fogo*; sua consolidação na poética dos elementos cósmicos (água, ar, fogo, terra), que dá início a vertente poética do pensador francês; e sua volta ao campo científico, com *O materialismo racional*.

Assim, nossa dissertação se estrutura da seguinte maneira:

O primeiro capítulo consiste em uma introdução aos principais aspectos do pensamento bachelardiano, seja em sua vertente epistemológica, seja em sua vertente poética.

Da fase diurna de seu pensamento, apontamos os seguintes conceitos como de maior relevância para o desenvolvimento de nossa dissertação: a noção de *ruptura* presente tanto na passagem de uma ciência para a seguinte na história das ciências, quanto da ruptura entre conhecimento comum e o científico; da relação entre razão e experiência através da *fenomenotécnica*; falaremos da noção de

obstáculo epistemológico, que também compreende a noção de *psicanálise do conhecimento científico*.

Da vertente poética, nosso primeiro capítulo primeiramente distingue as duas fases da poética de Bachelard: a poética dos elementos, onde Bachelard descobre nos elementos cósmicos a causa das imagens literárias, e a fenomenologia da imagem, onde o filósofo não se preocupa em encontrar as causas das imagens, valorizando-as no momento em que elas surgem na consciência. Seguidamente, mostraremos que, segundo Bachelard, a imagem onírica não é apenas uma imagem que reproduza a percepção do mundo real, pois, para ele, a imagem tem existência própria. E finalizamos o capítulo comentando brevemente a distinção entre imaginação formal e material. Não aprofundamos a diferenciação, pois ela será devidamente realizada no segundo capítulo. Alguns destes assuntos não se configuram como tema central de nossa dissertação, mas merecem ser ressaltados, pois caracterizam a originalidade da vertente poética de nosso autor.

O segundo capítulo, intitulado *Da poética à epistemologia: caminho do materialismo*, mostra como a poética dos elementos nasce de uma investigação de cunho epistemológico, e como ela se consolidou como vertente do pensamento bachelardiano. Percorrendo o caminho do filósofo ao longo das obras sobre a imaginação dos elementos, analisamos a ruptura que Bachelard impõe entre imaginação formal e material, além de caracterizar a abordagem substancialista que o autor desenvolve.

O terceiro capítulo de nossa dissertação trata do materialismo na vertente científica. Primeiramente mostra como o substancialismo inerente ao materialismo poético é retirado na fase científica devido à conceitualização de matéria como resistência, ou seja, algo imaterial. Porém, aponta uma valorização da matéria, que sempre fora um conceito bastante subestimado pela tradição científica e filosófica, que privilegiou a forma em todo curso do desenvolvimento do pensamento humano.

Esta valorização da matéria só pode ocorrer devido a uma adequação metodológica que Bachelard verifica ocorrer na química a partir das revoluções do início do século XX. Essa nova atitude metodológica, que inclui o corpo no processo cognitivo, define a matéria a partir dela mesma, não mais sob caracteres formais.

O materialismo é um tema que, ao correlacionar as duas vertentes do pensamento bachelardiano, permite uma compreensão do pensamento francês, científico e estético, que marcaram o século XX, e cuja influência ainda podemos

detectar. François Dagognet, discípulo de Gaston Bachelard, é um dos responsáveis pela disseminação do materialismo tal como ele fora elaborado por Gaston Bachelard. Concordamos com Dagognet quando afirma que Bachelard é responsável pela expressão da atualidade da ciência e da arte de seu tempo: “Este filósofo da atualidade [encontra-se] na ponta mais avançada da ciência e da arte”³ Para Dagognet, a arte contemporânea é uma arte-física na medida em que põe a noção de matéria em debate, ao transgredir limites entre ciência e arte, e propor inovações que promovem novas possibilidades nestas duas áreas.

Ressaltamos que a noção de materialismo não se encontra definida na obra de Bachelard. Portanto, não se pode precisar um conceito fechado desta noção no pensamento do autor. Assim, nosso trabalho trata de mostrar uma noção que permeia todo seu pensamento, já que o materialismo está presente tanto na vertente diurna quanto na via noturna. Compreendemos por materialismo as considerações bachelardianas acerca da matéria. Na poética analisaremos a imaginação material, enquanto causa de devaneios poéticos. Na epistemologia, vamos mostrar como a noção de matéria, ao ser devidamente apreendida pela química do século XX, revolucionou os procedimentos teóricos desta ciência, assim, como o campo conceitual da filosofia.

Gostaríamos de esclarecer que a noção de materialismo elaborada por Bachelard não se confunde com nenhuma outra concepção de materialismo da história da filosofia. Não se vincula à concepção de materialismo dialético e materialismo histórico, concebidas por Marx e de Engels, pois não se refere às questões sociais de trabalho material, nem das evoluções históricas decorrentes das movimentações sociais do mundo a partir do capitalismo⁴. Entretanto, Dominique Lecourt faz uma leitura do materialismo bachelardiano vinculada ao materialismo histórico, que se vincula ao desenvolvimento sócio-político da humanidade, devido à abordagem bachelardiana do trabalho camponês, presente no livro *A terra e os devaneios da vontade*. Porém, não concordamos que por trás das análises

³ DAGOGNET, F. *Bachelard*. Lisboa: Edições 70. 1965. p. 11.

⁴ Marx desenvolveu uma concepção materialista da história, afirmando que o modo pelo qual a produção material de uma sociedade é realizada constitui o fator determinante da organização política e das representações intelectuais de uma época.

bachelardianas sobre o trabalho da matéria subjaz uma crítica social aos moldes marxistas ou comunistas, como acredita e defende Lecourt ⁵.

A noção de materialismo na obra bachelardiana também se distancia de uma concepção ontológica, que defende a matéria como única realidade, negando a existência da alma, ou qualquer atributo espiritual, ou mesmo divino.

Ao tratar da matéria enquanto resistência, Bachelard retoma a noção de materialismo empregada pela engenharia, onde, inclusive, há uma disciplina destinada a estudar as resistências dos diferentes materiais empregados na nesta área.

O materialismo é uma noção que, ao tratar da criação de surrealidades, corrobora a noção de demiurgia, tanto na ciência, quanto na poética. Na poética, a imagética tem função de criar devaneios que não se vinculam a percepção do real. Já na epistemologia, há a criação de novas categorias de saber, ou mesmo novas realidades físicas (como a microfísica, por exemplo).

⁵ Não concordamos com Lecourt pois acreditamos que a preocupação de Bachelard está muito mais ligada a questão da imagética, do que com a questão social e política, embora muitos comentadores ressaltem uma preocupação ética nas investigações bachelardianas, quando ele defende a existência de comunidades científicas.

1 PRINCIPAIS ASPECTOS DO PENSAMENTO BACHELARDIANO

*Chega sempre uma hora em que não se tem mais interesse
em procurar o novo sobre os traços do antigo,
em que o espírito científico não pode progredir
senão criando novos métodos.*

Gaston Bachelard

O pensamento de Gaston Bachelard é reconhecido inicialmente por seus escritos epistemológicos, embora hoje, existam vários estudiosos que se dedicam a sua vertente poética. Professor de ciências físicas e químicas, além de matemática no Colégio de Bar-sur-Aube, sua cidade natal, voltou-se para a filosofia com o intuito de compreender a ciência. Acompanhou as revoluções científicas que ocorreram no início do século XX, revoluções estas que mudaram não somente o conteúdo das teorias científicas, mas também os padrões de racionalidade. Bachelard acreditou que este novo modo de se fazer ciência necessitava de uma nova filosofia que fosse adequada aos padrões impostos pelas revoluções científicas. A denúncia feita por Bachelard tinha por objetivo mostrar que a filosofia das ciências não acompanhou as próprias mudanças as quais estava encarregada de descrever e analisar, ou seja, que não progrediu como as ciências. Assim, nem mesmo os epistemólogos que influenciaram Bachelard, como Émile Meyerson e Léon Brunschvicg⁶, deram conta desta tarefa, pois não apreenderam o novo espírito científico a partir das revoluções racionais que este impunha.

A análise que Bachelard faz é um recorte na ciência contemporânea e na ciência clássica, pois sua epistemologia é focada no rompimento das ciências contemporâneas com o pensamento tradicional. O objetivo de seu pensamento epistemológico é “apreender o pensamento científico em sua dialética e mostrar a

⁶ Cabe ressaltar que tanto Émile Meyerson quanto Léon Brunschvicg influenciaram as reflexões bachelardianas sobre as revoluções científicas, porém, Bachelard se distancia de seus mestres propondo novas interpretações e categorias.

novidade essencial”⁷ presente nas revoluções científicas do início do século XX. As novas teorias foram surgindo, rompendo com os padrões em vigor até então, e começaram a ser estudadas por uma epistemologia ainda fundamentada em valores e conceitos ligados a uma tradição cartesiana e positivista, fazendo uso de palavras e conceitos, que, por serem ultrapassados e caducos, eram inadequados e ineficientes.

No último capítulo de *O novo espírito científico*, Bachelard mostra em que sentido um pensamento fundamentado em bases cartesianas não pode acompanhar as revoluções que caracterizaram o século xx:

Assim, falando de uma epistemologia não-cartesiana, não é sobre a condenação das teses da física cartesiana, ou mesmo sobre a condenação do mecanismo cujo espírito permanecia cartesiano, que pretendemos insistir, mas antes sobre uma condenação da doutrina das naturezas simples e absolutas.⁸

Segundo Bachelard, as novas ciências promovem um alargamento do padrão racional, e como “(...) a base do pensamento objetivo em Descartes é demasiado estreita para explicar os fenômenos físicos. (...) Uma tal redução falseia a análise e entrava o desenvolvimento extensivo do pensamento objetivo”⁹, é necessário que esta forma de pensar, assim como certos conceitos, ambos ultrapassados, sejam substituídos por conceitos mais amplos, que possam dar conta da nova forma de pensar que estava se consolidando.

Ao explicar a ciência nova a partir da epistemologia velha, cometia-se um anacronismo. Se as revoluções trouxeram novos métodos, práticas e instrumentos, era necessário que novos conceitos e métodos fossem criados também no campo teórico da filosofia das ciências. Uma ruptura deveria ocorrer também na epistemologia, pois, como diz Bachelard, a ciência instrui a filosofia.

Mesmo se intitulando como filósofo racionalista, o próprio desenvolvimento de seu pensamento direcionou Bachelard ao estudo de obras literárias, resultando, assim, em uma divisão de seu pensamento em duas vertentes, a epistemologia e a poética.

A mudança de direção em sua filosofia não é algo intencional: a interpretação que apresentamos é que somente através de suas pesquisas epistemológicas

⁷ BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. 2000. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 3. ed. p. 20.

⁸ Ibid. p. 125.

⁹ Ibid. p. 123.

Bachelard despertou para a questão do imaginário na arte. Ao defender que o pensamento científico seja afastado de elementos irracionais, ou de qualquer fonte de irracionalidade, através da *psicanálise do conhecimento científico*, Bachelard tratou primeiramente a imagem como perniciosa para o conhecimento científico, devendo ser apartada dos discursos que tenham pretensões racionais.

Com esse objetivo, Bachelard escreve um livro onde relata vários discursos do que ele chama de pré-ciência, que eram pouco rigorosos, e carregados de elementos irracionais: *A psicanálise do fogo*. Após tratar do elemento ígneo, Bachelard diz ter descoberto uma lei dos quatro elementos materiais presente na imaginação humana, que se torna seu próximo objeto de estudo.

É bem verdade que Bachelard matinha contato com vários escritores, poetas e romancistas, não somente cientistas e filósofos. Este duplo interesse de nosso autor se torna presente em sua obra, que durante uma fase alternou a publicação de obras científicas e obras de sua vertente poética.

Em sua vertente poética, Bachelard preocupa-se com o surgimento das imagens, dando à imaginação papel central no onirismo humano, sendo portanto, a causadora de novas imagens.

Sobre a divisão de seu pensamento em duas vias opostas, Bachelard entende que se trata de duas partes complementares. O homem deve vivenciar as potencialidades das vinte e quatro horas de seu dia, cada uma com suas particularidades e atividades distintas, com suas demandas e frutos específicos. Durante o dia tem voz o homem racionalista, pleno de razão e categorias, de certezas e objetividade. À noite, quem ganha voz é o poeta, o sonhador que deixa fluir toda a potencialidade de seu onirismo, que se permite sonhar diante do calor da lareira. Bachelard diz, em *Da natureza do racionalismo*, capítulo do livro *O compromisso racionalista*, que, para compreender a bases filosóficas ou metafísicas, é imprescindível descrever o homem em suas vinte quatro horas do dia, ou seja, em sua atividade racional e em sua atividade lírica: somente assim pode-se falar em *totalidade humana*¹⁰.

Nesse primeiro capítulo falaremos dos aspectos gerais do pensamento bachelardiano, desde sua epistemologia, mostrando como ocorreu a transição para a fase poética. Abordaremos aspectos principais de sua argumentação filosófica,

¹⁰ BACHELARD, G. *El compromiso racionaliste*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores. 1976. p. 54. Tradução própria.

que sempre se destacou por ser uma filosofia contrária à tradição. Inclusive, esta é uma característica bastante peculiar da obra de Gaston Bachelard, que constrói sua filosofia a partir de críticas à tradição que ainda se encontrava presa em categorias e conceitos caducos.

Começaremos a abordar sua epistemologia de maneira panorâmica, ressaltando os conceitos que consideramos cabais para a compreensão de materialismo científico, o principal objeto de estudo de nossa dissertação. Os conceitos destacados nesse trabalho são a noção de *ruptura* presente tanto na passagem de uma ciência para a seguinte na história das ciências, quanto da *ruptura* entre *conhecimento comum* e o *conhecimento científico*; da relação entre razão e experiência através da *fenomenotécnica*; falaremos da noção de *obstáculo epistemológico*, que também compreende a noção de *psicanálise do conhecimento científico*, assim como razão e como Bachelard compreende a atividade racional a partir do século XX.

Seguidamente, mostraremos de modo breve como ocorre a transição para a via poética, porém, não aprofundaremos, pois se trata de um tema que será discutido no próximo capítulo. Depois focaremos as novidades que o pensamento bachelardiano promoveu no campo estético, principalmente no que diz respeito à imaginação, que ganha papel de destaque na obra do filósofo francês.

Começaremos pela epistemologia. A epistemologia bachelardiana foi a primeira teoria que aproximou de maneira adequada a filosofia às ciências que revolucionaram o início do século XX. Bachelard afirma que a ciência não tinha a filosofia que merecia e que a epistemologia vigente até então não conseguia dar conta das revoluções de maneira adequada, pois se valia de conceitos, vocabulário e sentidos ainda arraigados na cultura positivista e cartesiana, que não expressavam as transformações ocorridas na maneira de pensar.

Assim, a epistemologia bachelardiana toma como ponto de partida a própria ciência, seus métodos e suas práticas. Constitui um procedimento contrário ao dos filósofos da ciência, que julgavam os acontecimentos científicos a partir do exterior. Bachelard acreditava que o filósofo deveria, antes de filosofar, mergulhar no âmbito da ciência, tendo, assim, um contato mais próximo com as práticas científicas. E de fato, essa foi a prática do próprio Bachelard, que primeiramente conheceu os laboratórios e depois os livros a respeito da ciência.

A proximidade de Bachelard com a ciência faria com que sua epistemologia compreendesse de modo mais claro a movimentação conceitual própria da ciência, e pudesse se configurar como um saber mais aberto e dinâmico, inovando ao criar conceitos e métodos que influenciaram toda uma geração francesa posterior a ele, e que continua a se fazer presente no contexto da atualidade.

Abordemos, enfim, os conceitos bachelardianos presentes em sua epistemologia. Escolhemos começar pela ruptura entre as ciências revolucionárias e suas precedentes. Uma característica comum a todas as ciências que revolucionaram o início do século XX, são elas, a teoria dos quanta, a mecânica ondulatória, as geometrias não-euclidianas¹¹ e a teoria da relatividade, é o fato de elas terem estabelecido rupturas com suas precedentes.

Em seus livros, Bachelard mostra que as novas ciências não surgiram através de um progresso contínuo, de um acréscimo à teoria anterior: as novas ciências romperam, através de embates dialéticos¹² com os princípios fundamentais das ciências anteriores e, por isso mesmo nem o vocabulário, nem as categorias de pensamento deveriam ser os mesmos, havendo, portanto, a necessidade de ruptura também na epistemologia. Assim, os livros de Bachelard tem essa preocupação: mostrar as novas categorias de pensamento adequadas à análise das ciências que mudaram o século XX. Além desse objetivo mais correlacionado a seu tempo, outro objetivo mais geral é alcançado pelo pensamento bachelardiano, ou seja:

[...] por a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber firmado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, dar, enfim, à razão, razões de evoluir.¹³

A epistemologia bachelardiana mostra que a ciência não mais progride de maneira contínua, linear: Bachelard constata que, na contemporaneidade, para haver progresso, há a necessidade de rupturas, negando-se as bases da teoria

¹¹ Na verdade, as geometrias não-euclidianas datam do fim do século XIX, porém Bachelard as aproxima das outras revoluções científicas do início do século XX para marcar a novidade de pensamento que elas promoveram.

¹² Bachelard faz um uso próprio de certos termos de filosofia, dentre eles, *dialética*, mas sem defini-los de fato (pois, seria algo incoerente em uma obra que rejeita absolutizações e defende uma abertura racional). Porém, como entendemos que certos conceitos de sentido bastante peculiar precisam ser especificados, vamos adotar a definição de dialética dada por George Canguilhem, discípulo de Bachelard, que é a seguinte: “dialética é o movimento indutivo que reorganiza o saber, alargando suas bases, no qual a negação dos conceitos e dos axiomas não é senão um aspecto de sua generalização”, CANGUILHEM, G. *Dialectique et philosophie du non chez Gaston Bachelard*, in *Études d'histoire et de philosophie des sciences*, J.Vrin, Paris, p. 165, [199-].

¹³ BACHELARD, G. In LECOURT, D. *Bachelard: Epistemologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977. p. 151.

anterior. Rompendo com os conceitos que servem de base para uma teoria, rompe-se com todo o sistema por ela erigido.

Com efeito, falar em evolução não seria adequado dentro do pensamento bachelardiano, já que, segundo o autor, o progresso científico que caracterizou o início do século XX ocorre a partir da negação sistemática das teorias vigentes. Bachelard trata do tema em seu livro *O novo espírito científico*, onde analisa o surgimento das novas teorias a partir da dialética inerente ao seu surgimento. Dedicou um capítulo ao surgimento das geometrias não-euclidianas, e mostra como ocorre o nascimento destas teorias:

[...] as proposições de Lobatchewsky e Bolyai se apresentam numa dialética mais franca, pois que a cadeia dos teoremas que decorrem da escolha não-euclidiana do axioma das paralelas se estende cada vez mais e se libera do guia das analogias.¹⁴

Lobatchewsky e Bolyai são os nomes da revolução ocorrida na geometria: cada um deles tomou um princípio da geometria euclidiana e, dialeticamente, formulou o seu inverso, como explica Bachelard na seguinte citação:

Tomemos [a proposição de Euclides] como uma verdade a estabelecer por absurdo. Substituamos pois esta proposição pela proposição contrária. Tiremos conclusões do quadro dos postulados assim modificado.¹⁵

Em decorrência desse jogo metodológico surgiu uma nova geometria mais abrangente, que, de maneira alguma pode ser considerada uma evolução, já que não houve continuísmos. Houve, de fato, rupturas, negação sistemática, quase como uma brincadeira metodológica¹⁶ que pode exemplificar a *filosofia do não* que Bachelard acredita existir no espírito da nova ciência.

O progresso por rupturas fica mais fácil de ser entendido quando lemos o capítulo que Bachelard dedica à mecânica não-newtoniana. A teoria relativista de Einstein não é uma consequência, ou um desdobramento do sistema de Newton. Somente uma teoria contrária à mecânica newtoniana poderia superá-la. Conforme afirma Bachelard:

¹⁴ BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 3. ed. p. 29.

¹⁵ Ibid. p.29.

¹⁶ O termo *brincadeira metodológica* também é empregado por Pessanha, em PESSANHA, *Razão dialógica*. In *Razões*. p. 81: “Os não-euclidianos Lobatchewsky e Remann – daí a euforia de Bachelard – brincam com essa racionalidade e com esse matematismo. Num texto belíssimo de Bachelard, ele diz que, exatamente, o que Lobatchewsky faz é introduzir o *esprit de finesse*, ali onde era o reino do espírito da geometria. Ele introduz o humor na geometria, o que parecia absolutamente inexistente, porque se a geometria é a estrutura interna da mente divina, evidentemente, ela é solene, majestática, sagrada. Não é para se brincar com a geometria. (...)”

A astronomia relativista não sai de modo algum da astronomia newtoniana. O sistema de Newton era um sistema acabado. [...] Vivíamos, aliás, no mundo newtoniano como numa residência espaçosa e clara. O pensamento newtoniano era de saída um tipo maravilhosamente transparente de pensamento fechado; dele não se podia sair a não ser por arrombamento.¹⁷

Tal *arrombamento* é o que caracteriza a *ruptura epistemológica*, já que não há progressão contínua, um tipo de evolução propriamente dita. Como afirma François Dagognet em seu livro dedicado ao pensamento de Gaston Bachelard, “[...] a ciência avança através das perturbações da descontinuidade; ela põe-nos em presença de revoluções, não de evoluções.”¹⁸ Há um notório distanciamento entre as duas teorias, pois elas partem de princípios opostos, como vemos na afirmação de Bachelard, presente em *O novo espírito científico*:

Enganamo-nos, acreditamos, quando vemos no sistema newtoniano uma primeira aproximação do sistema einsteiniano, pois que as sutilezas relativistas não decorrem de uma aplicação aperfeiçoada dos princípios newtonianos. Não se pode, portanto, dizer corretamente que o mundo newtoniano prefigura em suas grandes linhas o mundo einsteiniano. [...] Não há, portanto, transição entre o sistema de Newton e o sistema de Einstein. Não se vai do primeiro ao segundo acumulando conhecimentos, redobrando os cuidados nas medidas, retificando ligeiramente os princípios. É preciso, ao contrário, um esforço de novidade total.¹⁹

Porém, ao mesmo tempo, a teoria relativista não descarta por completo a mecânica newtoniana, que ainda encontra função dentro do sistema einsteiniano.

Bachelard entende que ao romper com a teoria científica vigente, a teoria revolucionária serve para explicar mais fenômenos, que não eram explicados pela racionalidade até então. As teorias ditas antigas continuam tendo aplicabilidade para a explicação de seus fenômenos, porém, não possibilitavam o avanço científico.

No pensamento epistemológico bachelardiano a noção de ruptura tem dupla aplicabilidade. Depois de termos tratado do primeiro sentido de ruptura no pensamento bachelardiano, falaremos sobre o segundo sentido. Além de haver rupturas no progresso científico, na passagem de uma teoria para outra, o conhecimento científico rompe com o conhecimento do senso comum.

A ciência não é um aprofundamento da experiência cotidiana vivenciada no e pelo senso comum: seu objeto de estudo não é um *dado*, algo fornecido pela natureza onde o trabalho humano é apenas descobrir e observar. “Na verdade, o

¹⁷ BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p. 43.

¹⁸ DAGOGNET, F. *Bachelard*. Lisboa: Edições 70. 1965. p. 27.

¹⁹ BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. p. 44.

cientista não descobre nada, mas sistematiza melhor. É por encadear que ele revela.”²⁰

A outra ruptura da ciência nova do século XX é com o conhecimento do senso comum. No século XVIII a ciência era um aprofundamento do saber cotidiano, utilizando, muitas vezes os mesmo instrumentos. Esta é uma característica que se impõe, segundo o autor de *A Filosofia do não*, em todas as teorias científicas que emergiram no início do século XX, marcando a ruptura com o passado científico.

A ruptura entre conhecimento comum e conhecimento científico é uma característica do que Bachelard nomeia de *quarto estado do espírito científico*. Bachelard apresenta esta lei em resposta à teoria positivista de Auguste Comte sobre a lei dos três estados no *Discurso Preliminar* de seu livro *A formação do espírito científico*. Já em outra obra, *O racionalismo aplicado*, Bachelard afirma que a quarta idade existe devido às revoluções científicas contemporâneas:

Acreditamos, pois, que devido às revoluções científicas contemporâneas se possa falar, no estilo da filosofia comteana, de uma quarta idade, correspondendo as três primeiras, à Antiguidade, à Idade Média e aos Tempos Modernos. A quarta idade, Época Contemporânea, realiza precisamente a ruptura entre conhecimento vulgar e conhecimento científico.²¹

Este rompimento serve para caracterizar esta nova fase na ciência, em que ela se distancia por completo do senso comum. No livro *O racionalismo aplicado*, temos um exemplo da ruptura do conhecimento comum ocorrido na química: Bachelard nos fala que a balança que mede o sal de cozinha no dia-a-dia, é a mesma balança que pesa o cloreto de sódio na química de Lavoisier. Conforme afirma Bachelard: “A ciência de Lavoisier, que fundamenta o positivismo da balança, está em ligação contínua com os aspectos imediatos da experiência comum.”²² A ciência de Lavoisier limitava-se a medir o peso atômico dos elementos. A química do século XX aumenta sua área de investigação quando acrescenta um eletrismo ao materialismo: não se tratava mais de determinar os pesos atômicos (trabalho já concluído por Lavoisier); era preciso estudar os fenômenos elétricos dos átomos, atitude que se afasta das práticas corriqueiras. Mais adiante, o autor acrescenta:

Enquanto se tratasse de determinar os pesos atômicos, num espírito positivista, a técnica da balança bastava. Mas quando, no século XX, os isótopos são

²⁰ DAGOGNET, F. Idem. p. 15.

²¹ BACHELARD, G. *O racionalismo aplicado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. p. 121.

²². Ibid. p. 122.

selecionados e pesados, impõe-se uma técnica indireta. O espectroscópio de massa, que é aparelho indispensável para essa técnica, baseia-se na ação dos campos elétricos e magnéticos. Trata-se de um instrumento que bem se pode chamar de indireto se o compararmos à balança.²³

Bachelard diz que o espectroscópio de massa é um *instrumento indireto*, pois seu objeto de análise não é um *dado*. E esta é outra característica das revoluções científicas do século XX: a *fenomenotécnica*²⁴. Estes fenômenos não tem função prática na vida cotidiana, em verdade, não existem naturalmente: eles são criados a partir de um aparelho, que é a materialização de uma técnica. Nas palavras de Bachelard: “É necessário longo circuito na ciência teórica para compreender os dados. De fato, os dados são, no caso, *resultados*.”²⁵

Com relação a este distanciamento entre ciência e cotidiano, Bachelard fornece outro exemplo: a invenção da lâmpada elétrica, que, de maneira alguma consiste em uma continuação do processo de iluminação do passado:

[...] a técnica que permitiu construir a lâmpada elétrica de fio incandescente rompe verdadeiramente com todas as técnicas de iluminação em uso em toda a humanidade até o século XIX.²⁶

Seja na vela, na lamparina, na lareira, só há luz exatamente porque algo queima. Porém, para ocorrer o funcionamento da lâmpada elétrica, é necessária a supressão do processo de queima: inclusive, só há luz justamente porque a combustão é impedida, uma vez que, se ocorrer, a lâmpada pára de funcionar:

Em todas as técnicas antigas, para iluminar era preciso *queimar* certo material. Na lâmpada de Edison, a arte técnica consiste em *impedir* que certo material queime. A técnica antiga é de combustão. A técnica nova é de não-combustão.²⁷

Então, fica bastante claro que as ciências que transformaram o início do século XX se encaixam no que Bachelard chama de quarto estado científico, à moda positivista, por se desligarem do pensamento cotidiano, praticado pelo senso comum. A diferença entre laboratório e cotidiano não é apenas na empregabilidade; a diferença se encontra na própria definição de objeto científico. A partir das

²³ BACHELARD, G. *O racionalismo aplicado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. p. 122.

²⁴ Fenomenotécnica é a técnica prática que cria, através da técnica, os fenômenos do novo espírito científico, pois, conforme afirma Bachelard, os fenômenos deste quarto estado não são encontrados naturalmente. Eles são criados através de uma técnica que, por sua vez, já é a materialização de uma teoria científica; não tendo, assim, aplicabilidade no senso comum.

²⁵ Ibid. p. 122.

²⁶ Ibid. p. 125.

²⁷ Ibid. p. 125. Grifo do autor.

revoluções científicas que Bachelard analisa, o objeto científico é criado através da fenomenotécnica.

A *fenomenotécnica* é outra categoria bastante relevante para a compreensão da epistemologia bachelardiana, pois é através dela que a ciência cria seus objetos de análise, objetos que não tem significação na vida cotidiana. Somente através da fenomenotécnica pode-se falar na teoria do quarto estado, e na ruptura entre ciência e vida prática.

A noção de *obstáculo epistemológico* também é bastante relevante no pensamento diurno de Bachelard e se relaciona diretamente com a noção de progresso da ciência. Em seu empreendimento de mostrar em que condições psicológicas ocorre a formação do espírito científico, o filósofo francês explica que obstáculo epistemológico é aquilo que impede o progresso de uma teoria. Para o filósofo, qualquer entrave, seja teórico, seja prático, pode ser um obstáculo, até mesmo atitudes que até então eram vistas como habituais na ciência. Para ocorrer o progresso científico os obstáculos devem ser superados, eliminados através do processo de *psicanálise do conhecimento científico*²⁸, processo que Bachelard apresentou em dois volumes de sua obra: *A formação do espírito científico* e *A psicanálise do fogo*.

Os obstáculos epistemológicos podem ser externos e internos ao próprio ato de conhecer. Os externos vão desde a fugacidade dos fenômenos, passando pela debilidade e parcialidade dos sentidos e do espírito humano. Bachelard também os classifica como gerais e particulares, tendo como exemplo de obstáculos gerais o conhecimento comum e generalizações prematuras; como exemplos de obstáculos particulares o verbalismo, o substancialismo e o animismo. Mas em suma, obstáculo é tudo o que se configura como causa de estagnação do progresso científico ou mesmo sua regressão.

Gostaríamos de ressaltar como mais significativos entraves ao progresso do conhecimento científico a *opinião* e a *experiência primeira*. Não citaremos todos os obstáculos ao progresso científico, já que não se trata de nosso objetivo, tendo em vista que este se configura apenas como um capítulo introdutório ao pensamento bachelardiano.

²⁸ O conceito será devidamente exposto ao longo da dissertação.

Sobre a opinião enquanto obstáculo epistemológico, o filósofo francês diz que “nada se pode fundar sobre a opinião: é preciso primeiramente destruí-la. Ela é o primeiro obstáculo a superar.”²⁹ Outro trecho que ilustra muito claramente o argumento que apresentamos é o seguinte:

É no eixo experiência-razão e no sentido da racionalização que se encontram ao mesmo tempo o perigo e o êxito. Só a razão dinamiza a pesquisa, porque só ela sugere para além da experiência vulgar (imediate e especiosa) a experiência científica (indireta e fecunda). É pois o esforço de racionalidade e de construção que deve deter a atenção de epistemólogo.³⁰

O obstáculo mais relevante para o enredo de nossa dissertação é a experiência primeira, ou primeira racionalização, que, presente no conhecimento do senso comum, é realizada através de imagens, de um discurso preguiçoso e quase pueril, segundo Bachelard. O conhecimento comum, que Bachelard classifica como obstáculo geral do conhecimento científico, é versado através de imagens (ou é permeado de imagens). As racionalizações prematuras, existentes em demasia no conhecimento cotidiano, tem papel preponderante na arte, conforme Bachelard argumenta.

As imagens são perniciosas ao discurso científico, porque ao serem atreladas ao pensamento científico, dão uma falsa impressão de facilidade, um ar simplista às teorias científicas, uma vez que “substitui-se o conhecimento pela admiração, as ideias pelas imagens.”³¹

Concluindo a questão da imagem como entrave ao progresso científico, apresentamos a citação onde Bachelard fala sobre o devaneio e em como ele é inadequado ao campo epistemológico: “Uma vez entregue ao reino das imagens contraditórias, a fantasia³² reúne com facilidade tudo o que há de espantoso. Faz convergir as possibilidades mais inesperadas.”³³

Para finalizarmos a noção de obstáculo epistemológico, retomamos dizendo que se trata de uma ideia que impede e bloqueia outras ideias: hábitos intelectuais

²⁹ BACHELARD, G. in LECOURT, D. *Bachelard: Epistemologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977. p. 148

³⁰ Ibid. p. 149.

³¹ Idem. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p. 36.

³² Na edição brasileira que consultamos a palavra francesa *rêverie* foi traduzida por *fantasia*. Porém, nas obras poéticas de Bachelard a palavra é traduzida por *devaneio*. Neste momento, apenas ressaltamos o aparecimento da palavra no pensamento diurno de Bachelard, que argumenta que a *rêverie* é algo ruim para o discurso científico; e que posteriormente é exaltada na vertente noturna de seu pensamento.

³³ Idem. *A filosofia do não: Filosofia do novo espírito científico*. Lisboa: Editorial Presença. 1991. p. 45.

cristalizados, a inércia que faz estagnar as culturas, teorias científicas ensinadas como dogmas, os dogmas ideológicos que dominam as diversas ciências.

Antes de finalizar o panorama sobre a epistemologia bachelardiana e passar para a explanação sobre o pensamento noturno do filósofo francês, falaremos sobre o racionalismo bachelardiano. Influenciado pelo Surrealismo, movimento artístico marcante no século XX, Bachelard defende a superação do racionalismo de moldes cartesiano e positivista, para adoção de surracionalismo.

Por não acreditar em verdades absolutas e nem no imediatismo das intuições e experiências primeiras, o pensamento bachelardiano adota uma postura de valorização do erro, de uma atividade racional retificadora que trabalha a partir da análise histórica, e que progride através da correção dos erros precedentes. Em *Estudos*, Bachelard nos diz:

[...] propomos um paradoxo pedagógico que está na base da cultura: a objetividade de uma ideia será tão mais clara, tão mais distinta quanto mais surgir de um fundo de erros profundos e diversos. É em função do número e da importância dos erros anteriores que se mede o critério de distinção proposto como diferente do critério de clareza.³⁴

Bachelard prefere adotar o termo *objetivação*, já que a objetividade não é um dado primitivo, é conquistada por etapas, por sucessivas retificações.

O espírito científico deve formar-se *contra* a natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a instrução da natureza, contra o adestramento natural, contra o fato colorido e diverso. O espírito científico deve formar-se reformando-se.³⁵

A epistemologia do novo espírito científico deve acompanhar as transformações impostas pela ciência contemporânea que “é uma ciência viva, que se constrói através de retificações das noções passadas,”³⁶ conforme afirma a intérprete do pensamento bachelardiano, Marly Bulcão. Segundo ela, a ciência contemporânea “é uma ciência que usa métodos novos e que transforma a relação sujeito-objeto, pois, em lugar de ser uma simples reprodução do real, é uma construção objetiva da razão.”³⁷

³⁴ Idem. *Estudos*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2008. p.78.

³⁵ BACHELARD, G. In LECOURT, D. *Bachelard: Epistemologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977. p. 152. Grifo nosso.

³⁶ BULCÃO, M. *O racionalismo da ciência contemporânea: uma análise da epistemologia de Gaston Bachelard*. Londrina: UEL. 1999. p. 35.

³⁷ Ibidem. p. 35.

Outra característica do surracionalismo bachelardiano é a valorização do corpo enquanto instrumento racional. Contrário à tradição intelectualista, a exemplo de Descartes, que, no momento do cogito, argumenta que o corpo é fonte de irracionalidades. Para Bachelard, o corpo também é pensante, sendo capaz de apreender a concretude do mundo material, não apenas intelectual, não podendo ser apartado do processo cognitivo, ideia corroborada por François Dagognet, em seu livro introdutório ao pensamento de seu mestre:

Mais do que o do Platão, o idealismo cartesiano encontra-se na origem deste desvio que vicia a reflexão: a diligência da dúvida metódica e a conseqüente certeza de um puro cogito definem, para a epistemologia de Bachelard, o itinerário de uma abstração infeliz, o erro por excelência que separa o que deve estar unido.³⁸

Abordamos de maneira breve alguns dos principais conceitos do pensamento diurno de Gaston Bachelard. Passamos agora a abordar a vertente poética do filósofo francês, cuja inovação e influência na atualidade são patentes.

Sendo a *filosofia do não* a característica central do pensamento bachelardiano, ela também se faz presente na fase noturna de sua obra. As investigações empreendidas por Bachelard levam à construção de uma filosofia estética que rompe com a influência que a tradição psicanalítica e fenomenológica exercia até então.

Embora as inovações promovidas por Bachelard sejam indiscutíveis, muito se questiona acerca do início de sua obra estética. Enquanto alguns intérpretes afirmam que a via poética do filósofo francês se inicia com a publicação de *Lautréamont*³⁹, outros entendem que o marco inicial das investidas de Bachelard no campo da imaginação ocorre em *A psicanálise do fogo*. Enfim, a poética dos elementos começa ou não com *A psicanálise do fogo*?

Alguns intérpretes sugerem que a vertente poética de Bachelard se inicia antes mesmo de *Lautréamont*, pois durante o período de 1931 e 1934 ele publica alguns artigos que, segundo o comentador Georges Canguilhem, se configuram como “itinerários de pesquisas”⁴⁰ futuras do autor. Em um destes artigos Bachelard

³⁸ DAGOGNET, 1965, p. 22.

³⁹ O livro *Lautréamont*, publicado em 1940, trata da análise de um livro do final do século XIX, intitulado *Les chants de Maldoror*, de Isidore Ducasse. Esse contato com uma obra de força material exerce influência no seu pensamento poético, devido as questões de materialidade e da novidade das imagens. Trata-se de um livro onde Bachelard apresenta, ainda de maneira embrionária, esses conceitos encontrados posteriormente em na fase final de sua vertente noturna.

⁴⁰ CAGUILHEM, G. Apresentação. In: BACHELARD, G. *Études*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2008. p. 10.

trata das relações entre sonho (devaneio) e a percepção do espaço. O comentador, responsável pela abertura do livro póstumo que agrega esses artigos, sugere que este texto, *O mundo como capricho e miniatura*, já é uma mudança da temática bachelardiana. Durante este período, também é publicado o artigo *Instante poético, instante metafísico*, onde Bachelard afirma que a poesia é uma metafísica instantânea. O livro que traz estes trabalhos de Bachelard chama-se *Estudos*, lançado postumamente em 1970.

Nossa perspectiva entende que a via poética de Gaston Bachelard tem seu início acidentalmente em *A psicanálise do fogo*, só sendo consolidada como poética de fato com a publicação de *A água e os sonhos*, pois somente neste último que Bachelard afirma percorrer diversas imagens com o objetivo de bem vivenciar seus devaneios, não de afastá-los.

É comum dividir a vertente poética em duas fases, sendo a primeira ainda ligada às características racionalistas do filósofo, e que por isso tem por objetivo encontrar por detrás das imagens poéticas as suas causas materiais. Assim, Bachelard afirma encontrar nos elementos cósmicos as origens arquetípicas de devaneios poéticos. Podemos perceber traços dessas origens racionalistas de Bachelard na seguinte frase: “Tal regularidade se deve ao fato de sermos *arrebataados* na pesquisa imaginária por *matérias fundamentais*, por elementos imaginários que tem leis idealistas tão seguras como as leis experimentais.”⁴¹

Na segunda fase de seu pensamento poético, Bachelard desenvolve um método pra melhor apreciação das imagens poéticas, que se trata da *fenomenologia da imagem*⁴², que Bachelard assim define em *A poética do espaço*:

Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética, é preciso chegar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade.⁴³

Nesta fase de seu pensamento, Bachelard não busca as causas da imagem, causas para fora dela mesma, nem se preocupa em elaborar complexos conforme

⁴¹ BACHELARD, G. *O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 7. Grifo do autor.

⁴² Bachelard não se aproxima da fenomenologia a maneira de Sartre ou Husserl. O método bachelardiano consiste em captar a imagem onírica no momento em que ela emerge na consciência, não considerando aspectos intencionais da consciência sobre a imagem. Inclusive, Bachelard rompe com a tradição ao desvincular a imagem percebida da imagem imaginada, assunto que trataremos mais a frente.

⁴³ Idem. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes. 2005. p. 2.

as imagens se aproximam em suas temáticas. O objetivo nesse momento é apenas devanear, embarcar na viagem onírica particular ocorrida no momento em que a imagem pulsa no pensamento humano.

Independente dessas controvérsias e fragmentações é imprescindível falar da poética bachelardiana através das seguintes questões: a imagem literária não é reprodução da imagem percebida, ela é um impulso de novidade; a diferenciação que Bachelard impõe entre sonho e devaneio; além da diferença entre imaginação formal e material. Estes pontos centrais do pensamento noturno de Bachelard serão tratados a seguir.

Primeiramente falaremos sobre a questão da novidade da imagem. Trata-se de uma peculiaridade da imaginação teorizada pelo filósofo francês, e de uma novidade na história da filosofia: a independência da imaginação com relação à percepção visual. Bachelard rompe com a tradição filosófica ao desvincular o conceito de imaginação da concepção empregada pela tradição filosófica, que entendia a imaginação como mera função reprodutora, ou como a parte residual da percepção de um objeto. Por conta disso, a imaginação sempre foi vista como uma faculdade humana mais propensa a erros. E assim, deveria ser desconsiderada. Mesmo na criação artística a percepção da imagem era o que determinava os processos imaginativos, cujo papel era apenas o de justapor elementos anteriormente percebidos pelo sujeito imaginante.

Bachelard ressalta a ideia de que a imaginação não é reprodutora do real, e quem nem mesmo as obras de arte tem essa função. Segundo o autor, *perceber* e *imaginar* são antitéticos. Ele coloca a imaginação antes da percepção, como uma *aventura da percepção*. Em outras obras podemos verificar que Bachelard radicaliza o rompimento com a tradição quanto ao conceito de imaginação:

Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de *formar* imagens. Ora, ela é antes a faculdade de *deformar* imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de *mudar* as imagens.⁴⁴

A *imagem percebida* e a *imagem imaginada* não tem vinculação alguma, são totalmente independentes. A imagem imaginada será mais rica, oniricamente falando, quanto mais se distanciar da imagem real.

⁴⁴ BACHELARD, G. *O ar e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 1. Grifo do autor.

Ao desvincular a imaginação da percepção no que diz respeito à criação literária (e posteriormente, artística como um todo) Bachelard coloca como preponderante no processo criativo a imaginação.

Porém, Bachelard não desvincula o processo imaginativo do processo perceptivo somente. A imagem é autônoma, não tem passado, não tem causa, não pode ser explicada pela história de vida de seu autor, como sugere a psicologia, “não significa as divagações loucas da Psyché”⁴⁵, como complementa Dagognet. Bachelard discorda do posicionamento da psicologia com relação à imaginação, como vemos no trecho seguinte:

A imaginação escapa às determinações da psicologia - incluindo a psicanálise - e que ela constitui um reino autóctone, autógeno. Nós perfilhamos esse ponto de vista: mais do que a vontade, mais do que o impulso vital, a Imaginação é a própria mola real da produção psíquica.⁴⁶

A psicanálise associa o sonho ao inconsciente do poeta, dando às imagens oníricas uma causa fora delas mesmas. Bachelard, entretanto, estabelece diferenças entre as imagens do devaneio e as imagens do sonho. Concordando com a psicanálise, Bachelard entende que o sonho pode trazer elementos do subconsciente do autor, e, portanto, o autor é passivo no momento que sonha.

Bachelard valoriza a imagem decorrente do devaneio, onde há a criação de fato, visto que o poeta está consciente, exercendo sua liberdade de criação em toda sua plenitude. Aqui, há “o doce devaneio do despertar”, conforme define Dagognet; enquanto que no campo onírico prevalece o “descontrole dos sonhos”⁴⁷.

A grande função da imaginação é a criação. Através da criação, rompe com o passado, rompe também com a percepção, constrói uma surrealidade. “Para exercer a atividade de devanear, deve-se colocar a imagem antes mesmo da percepção, como uma aventura da percepção”.⁴⁸ Porém, não é qualquer imaginação: a imaginação exaltada por Bachelard é aberta, criadora, dinâmica. Deve despertar potências inertes, romper com as amarras do passado, assim como o modelo de razão proposto por ele em sua epistemologia.

⁴⁵ DAGOGNET, F. 1965, p. 38.

⁴⁶ BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes. 2008. p. 189.

⁴⁷ DAGOGNET, F. 1965, p. 42

⁴⁸ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade: Ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 3.

Bachelard divide a imaginação em formal e material por perceber que, quando o sujeito devaneia a partir da materialidade do mundo, as imagens decorrentes desse devaneio são imagens materiais, que trazem uma concretude íntima com a matéria; enquanto que, ao imaginar a superficialidade, as linhas de contorno, as imagens decorrentes desse processo imaginativo são mais belas, porém, menos íntimas, no sentido psicológico.

A imaginação formal é fundamentada na visão, se ocupa dos aspectos formais dos objetos. Valoriza a superfície, a geometrização, os contornos, ou seja, tudo o que é apreendido através do olhar. A função *desmaterializadora* da imaginação formal ignora a materialidade do objeto, apreendendo-o somente como arestas e cores (em seus atributos visuais).

Com efeito, essa imaginação acompanha o procedimento da filosofia e das ciências formais, como a matemática, que são dependentes do olhar afastado e passivo. A imaginação formal se vincula somente às superficialidades do objeto, a imaginação material é a que vai além dos atributos visuais quando se imagina um objeto, busca sua materialidade através da resistência, investiga “a beleza íntima das matérias; sua massa de atrativos ocultos, todo esse espaço afetivo centrado no interior das coisas”⁴⁹.

Já a imaginação material rompe com o contorno formal, extravasa o olhar contemplativo através do contato corpo-a-corpo contra o mundo. As imagens que foram imaginadas materialmente, ou seja, em sua substância, através de um contato do corpo contra a resistência material do mundo, são as imagens valorizadas por Bachelard; já que, em contrapartida, as imagens imaginadas em sua superficialidade, em sua beleza, são substancialmente fracas. A matéria não pode ser imaginada nem passivamente, nem à distância: requer contato material, confronto sujeito-objeto. Não se contenta com a superfície do objeto: deseja a dominação sobre a intimidade da matéria, que, dialeticamente, levará a dominação da intimidade do sujeito.

Trataremos mais detalhadamente da imaginação material, e sua diferenciação com a imaginação formal, no próximo capítulo.

Encerramos esse capítulo introdutório ao pensamento do filósofo francês Gaston Bachelard após apresentar os principais conceitos das duas vertentes de

⁴⁹ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 6.

seu pensamento, a epistemologia e a poética. Destacamos os conceitos que se configuram como mais relevantes para o desenvolvimento argumentativo de nossa dissertação, portanto, vários outros conceitos bachelardianos ficaram de fora do panorama aqui apresentado.

O próximo capítulo mostrará como o materialismo é tratado na vertente poética, ou seja, através da distinção entre imaginação material e imaginação formal, sempre ressaltando que os elementos cósmicos são imaginados de maneira substancial.

2 DA POÉTICA À EPISTEMOLOGIA: CAMINHO DO MATERIALISMO

É preciso abandonar este universo das formas pelo mundo infinito das matérias. Onde fica então a pátria dos sonhos, senão num além, na profundidade das substâncias que abrem e se metamorfoseam, na longínqua metamnésica?

François Dagognet

O tema Materialismo surge no pensamento bachelardiano a partir de seus estudos na vertente poética. Gaston Bachelard diz ter descoberto uma lei dos quatro elementos materiais e percorre várias obras literárias estudando como ocorre a influência dos elementos (água, ar, fogo, terra) na imaginação humana.

Bachelard descobriu esta lei dos elementos cósmicos ao escrever *A psicanálise do fogo*, obra que é a exemplificação das teses expostas em *A formação do espírito científico*. Neste último livro, o objetivo de Bachelard é mostrar a trajetória de abstração do pensamento científico, através da via psicológica do pensamento. O cientista deve abandonar, ou melhor, superar os obstáculos que entram o caminho à objetividade. Dois dos principais obstáculos epistemológicos citados por Bachelard são a imagem e a imaginação, que quando estão vinculadas ao discurso científico, prejudicam a objetividade. Na primeira vez que Bachelard trata da imaginação em sua obra, afirma que ela é perniciosa e deve, portanto, ser afastada do discurso científico.

Partindo desse propósito de psicanalisar ⁵⁰ o conhecimento científico sobre o fogo, Bachelard escreve *A psicanálise do fogo*, que se trata da exemplificação das teses expostas no livro precedente, *A formação do espírito científico*, como o próprio autor afirma na página 7 do livro:

⁵⁰ Esclarecemos que o termo *psicanálise* tem dois sentidos em Bachelard, de acordo com a vertente. Na vertente epistemológica, encontramos a *psicanálise do conhecimento objetivo*, o percurso onde o cientista elimina as irracionalidades e subjetividades presentes no discurso científico, com o objetivo de deixá-lo mais adequado, mais purificado de elementos irracionais. Diferencia-se do uso da vertente poética, onde Bachelard desenvolve uma *psicanálise material*, que se assemelha à psicanálise freudiana na medida em que oferece um processo de cura da psique do sujeito, porém, através de métodos diferenciados dos métodos psicanalíticos, conforme veremos a frente.

Nossa obra se oferece, pois, como um exemplo dessa psicanálise especial que julgamos útil na base de todos os estudos objetivos. É uma ilustração das teses gerais defendidas num livro recente sobre a formação do espírito científico.⁵¹

Seu objetivo é tornar o discurso acerca do fogo um discurso mais direto, menos imaginativo. A escolha pelo tema fogo não é ao acaso. Trata-se um assunto anteriormente abordado por Bachelard, em uma de suas teses de doutoramento, cujos títulos foram *Ensaio sobre o conhecimento aproximado* e *Estudo sobre a evolução de um problema de física: A propagação térmica nos sólidos*. A questão da propagação térmica em objetos sólidos envolve o fogo como fonte de calor.

A psicanálise do fogo foi publicada em 1938. Em 1940 ainda temos um livro de epistemologia, *A filosofia do não – Filosofia do novo espírito científico*. Em seguida, temos *A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria* (1942), e *O ar e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação do movimento* (1943). *A terra e os devaneios da vontade – Ensaio sobre a imaginação das forças* e *A terra e os devaneios do repouso – Ensaio sobre imagens de intimidade*, são publicados em 1948. Nestas obras dedicadas aos elementos cósmicos, Bachelard pode vivenciar experiências imaginativas sobre os elementos através de obras literárias.

Depois de ter vivenciado a matéria a partir de seu registro imaginativo, percorrendo os quatro elementos através de obras literárias, Bachelard retoma à sua origem racionalista e segue o empreendimento de tratar do materialismo a partir de seu registro racional. Dedicar-se a obra *O materialismo racional*, publicado em 1953. Nossa interpretação sugere que foi necessário percorrer o trajeto sobre a imaginação dos elementos para que Bachelard descobrisse o tema *matéria* na ciência. Somente após ter compreendido a dimensão material dos elementos cósmicos em seus livros de análise de literatura, nosso autor, pode, enfim, pensar a matéria em sua dimensão científica. O materialismo surge no pensamento bachelardiano a partir de suas investigações estéticas.

Esse momento de dedicação noturna não é sem propósito. Durante o período, entre a publicação de *A psicanálise do fogo*, 1938, e a publicação de *O materialismo racional*, 1953, houve poucos ou praticamente nenhum congresso de epistemologia na Europa, que se encontrava como cenário da Segunda Guerra Mundial (de

⁵¹ BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes 2008. p. 7.

setembro de 1939 a setembro de 1945). Foi um período onde os encontros científicos ficaram suspensos, devido às tensões de guerra.

Em *O materialismo racional*, Bachelard diz ter visto a matéria a partir de registros subjetivos, durante a última dúzia de anos de sua vida, a partir de obras literárias, ou seja, da imaginação. Portanto, para tratar da matéria objetivamente, visando à elaboração de um materialismo racional, deve partir da ruptura do materialismo entre imaginação e experiência racional.

[...] confidencialmente, acabo de viver durante uma dúzia de anos todas as circunstâncias da divisão do materialismo entre imaginação e experiência. E esta divisão, visível nos fatos, impôs-se-me pouco a pouco como um princípio metodológico. Esta divisão leva a tomar consciência de uma oposição radical entre um materialismo imaginário e o materialismo erudito.⁵²

Segundo o filósofo francês, esta divisão se funda em uma dialética radical nas bases do materialismo. Assim, faz-se necessário o rompimento entre os dois materialismos, o materialismo versado pela experiência comum, do materialismo racional, ordenado por caracteres da razão. Ou ainda, em outras palavras, estabelecer rompimentos entre o materialismo imaginativo e o materialismo erudito.

A partir desta interpretação, seguiremos o seguinte esquema para demonstrar que o materialismo surge no pensamento bachelardiano a partir de sua vertente poética: mostraremos como a imagem é tratada como algo pernicioso, nos livros *A formação do espírito científico* e *A psicanálise do fogo*. Depois veremos como Bachelard diz ter percebido uma lei dos quatro elementos, e a partir desta lei, escreve três livros sobre cada um deles.

No percurso dos elementos cósmicos, Bachelard desenvolve uma teoria sobre a imaginação que a divide em dois tipos: a imaginação formal e a imaginação material. Mostraremos essa cisão, focando majoritariamente a imaginação material.

Nestes livros sobre os elementos cósmicos, Bachelard descreve um materialismo, imaginativo, claro, e que por essa razão tem suas bases fincadas em um substancialismo.

Dando prosseguimento ao plano da dissertação, no capítulo seguinte, mostraremos como na obra racional sobre o materialismo, Bachelard nos mostra que a química contemporânea supera o substancialismo ao fundar o materialismo a partir da resistência. Devido à importância da resistência para a caracterização do materialismo erudito, mostraremos como ela atua na vertente poética, ou seja, sua

⁵² BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 27.

importância na formação de devaneios materiais e, também servindo como uma espécie de psicanálise material.

Abordaremos primeiramente como Bachelard tratou da imagem e a imaginação, ou seja, como perniciosas ao discurso científico, e que por isso deveriam ser purgados da área científica.

A primeira aproximação de Bachelard ao tema da imagética ocorre no livro de epistemologia *A formação do espírito científico – contribuição para uma psicanálise do conhecimento*, onde o autor diz que as imagens devem ser retiradas de qualquer discurso de pretensão científica, pois as elas “só determinam um falso ponto de partida, uma direção errônea.”⁵³ Esse processo de eliminação de erros Bachelard nomeia de *psicanálise do conhecimento objetivo*. Ao enumerar, ao longo do livro, os vários obstáculos ao conhecimento científico, o autor sugere um caminho de psicanálise⁵⁴, termo emprestado de Freud, onde:

Já que não há operação objetiva sem a consciência de um erro íntimo e primeiro, devemos começar as lições de objetividade por uma verdadeira confissão de nossas falhas intelectuais. Mais vale confessar nossas tolices para que nosso irmão reconheça as suas, e exijamos dele a confissão e o favor recíprocos. [...] Juntos, vamos acabar com o orgulho das certezas gerais e com a cupidez das certezas particulares.⁵⁵

Bachelard fornece vários exemplos de como as imagens atrapalham o pensamento racional objetivo: Cita Marivetz⁵⁶, cuja obra de grande influência no século XVIII, propõe uma cosmogonia fundada na rotação do Sol sobre si mesmo; para Bachelard, entretanto, trata-se de um exemplo de “grandiosas teorias apoiadas em imagens inconscientes”⁵⁷. Isto ocorre justamente quando não há o trabalho de psicanálise da imaginação:

Tais contrapassos entre as imagens acontecem quando não se faz um trabalho de psicanálise da imaginação. Uma ciência que aceita as imagens é, mais que qualquer

⁵³ BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p. 294.

⁵⁴ Bachelard se vale do termo *psicanálise* para descrever este processo de eliminação de subjetividades e irracionalidades, pois o faz de modo confessional (aproximando-se do modo freudiano), uma vez que o autor afirma que “voltamos a nós mesmos”, “fazendo experiências íntimas” a fim de eliminar as adesões primeiras, que são tão familiares no conhecimento comum, conforme dito na página 8: “É preciso que cada um destrua, mais cuidadosamente ainda que suas fobias, suas ‘filias’, suas complacências com as intuições primeiras.” (BACHELARD, 1938 b, p. 8.)

⁵⁵ Ibid. p. 298.

⁵⁶ Ibid. p.48.

⁵⁷ Ibid. p.48.

outra, vítima das metáforas. Por isso, o espírito científico deve lutar sempre contra as imagens, contra as analogias, contra as metáforas.⁵⁸

Com esta tese em mente, Bachelard escreve *A psicanálise do fogo*, logo após a publicação de *A formação do espírito científico*. A obra *A Psicanálise do fogo* se trata da exemplificação das teses expostas por Bachelard no livro precedente, como o próprio autor afirma na página 7:

Nossa obra se oferece, pois, como um exemplo dessa psicanálise especial que julgamos útil na base de todos os estudos objetivos. É uma ilustração das teses gerais defendidas num livro recente sobre a formação do espírito científico.⁵⁹

Em *A psicanálise...* temos um Bachelard preocupado em abordar o fogo de maneira racional, ele quer purgar do discurso científico as imagens, a imaginação vinculada ao elemento fogo, e para tanto, enumera erros⁶⁰ encontrados em diversos livros científicos onde um discurso pretensamente racional está bastante carregado de imagética ou linguagem metafórica. Bachelard descreve assim seu método de psicanálise do conhecimento objetivo:

Trata-se, com efeito, de encontrar a ação dos valores inconscientes na própria base do conhecimento empírico e científico. Cumpre-nos, pois, mostrar a luz recíproca que vai constantemente dos conhecimentos objetivos e sociais aos acontecimentos subjetivos e pessoais, e vice-versa. Cumpre-se mostrar, na experiência científica, os vestígios da experiência infantil.⁶¹

Através da crítica à sensação e também ao empirismo⁶², as práticas mais constantes no senso comum, poder-se-ia apartar os eixos da poesia e da ciência, que, a princípio são distintos, porém por vezes se entrecruzam, já que “onirismo e intelectualismo [...] são polaridades sempre um pouco instáveis”⁶³. A psicanálise do elemento ígneo se faz necessária uma vez que “devaneios substituem o pensamento”, “poemas ocultam teoremas”⁶⁴. Segundo Bachelard, muitas perguntas

⁵⁸ BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p.48.

⁵⁹ Idem. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 7.

⁶⁰ Ibid. p.7.

⁶¹ Ibid. p. 15.

⁶² “A primeira visão empírica não oferece nem o desenho exato dos fenômenos, nem ao menos a descrição bem ordenada e hierarquizada dos fenômenos. (...) É tão agradável para a preguiça intelectual limitar-se ao empirismo, chamar um fato de fato e proibir a busca de leis!” (BACHELARD, 1938 a, p.37.)

⁶³ Idem. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 29.

⁶⁴ Idem. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 2.

científicas ganham respostas pretensamente objetivas que não passam de tautologia, reproduzindo, assim, teorias filosóficas quiméricas⁶⁵.

Para Bachelard, isso ocorre porque há uma mistura entre intuições pessoais e experiências científicas, o que tornava essa zona objetiva impura, sendo o fogo, portanto, um objeto cujo discurso racional é bastante difícil de ser realizado. Temos um exemplo dessa zona impura no seguinte trecho onde Bachelard explica por que por vezes os discursos científico e poético-imaginativo se mesclam:

[...] o homem pensativo junto à lareira, na solidão, quando o fogo é brilhante, como uma consciência da solidão. [...] mostraremos os perigos para uma consciência científica, das impressões primitivas, das adesões simpáticas, dos devaneios indolentes.⁶⁶

Bachelard fala que o devaneio que ocorre em momentos como o citado acima é o responsável pelo desenho dos últimos confins de nosso espírito:

Psiquicamente, somos criados por nossos devaneios. Criados e limitados por nosso devaneio, pois é o devaneio que desenha os últimos confins de nosso espírito a imaginação opera no seu extremo, como uma chama, e é na região da metáfora de metáfora, na região do sonho, [...] quando o devaneio transforma formas previamente transformadas, que se deve buscar o segredo das energias mutantes.⁶⁷

Contrariando o objetivo inicial, Bachelard fala na conclusão do livro que se deve psicanalisar as imagens familiares para aceder às metáforas e, sobretudo, às metáforas de metáforas.⁶⁸ Aceder à região da metáfora? Ir ao lugar onde proliferam as imagens? Como isso poderia ajudar o espírito científico a superar as irracionalidades? Parece que Bachelard perdeu seu foco, principalmente por ele afirmar, no início da conclusão, que o presente livro deveria preparar instrumentos para uma crítica literária objetiva, no sentido mais preciso do termo.⁶⁹

Bachelard diz ter percebido a grande influência dos elementos materiais nas cosmogonias antigas e nas filosofias tradicionais, e por isso elabora uma *lei dos quatro elementos*, classificando as diversas imaginações materiais conforme elas se associem aos elementos:

⁶⁵ Bachelard, G. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 3.

⁶⁶ Ibid, p. 4.

⁶⁷ Ibid, p. 161.

⁶⁸ Ibid.p. 161.

⁶⁹ Ibid. p. 159.

Acreditamos poder falar de uma lei das quatro imaginações materiais, lei que atribui *necessariamente* a uma imaginação criadora um dos quatro elementos: fogo, terra, ar e água. [...] A fisiologia da imaginação, mais ainda que sua anatomia, obedece à lei dos quatro elementos.⁷⁰

Antes de embarcar na viagem à imaginação dos elementos, Bachelard entra em contato com uma obra marcante na construção de seu pensamento noturno. Trata-se de *Les chants de Maldoror*, que Isidore Ducasse (1846 - 1870) escrevera sob o pseudônimo Conde de Lautréamont; um livro controverso quanto a seu conteúdo, violento em suas imagens, que despertam um vigor material ao descrever ataques e metamorfoses animais. Enfim, um livro pouco convencional para sua época. Entusiasmado com a força poética das palavras de Ducasse, resolve fazer um livro sobre o dinamismo poético da obra vivenciado por ele. Bachelard se encontrava em Praga, para um congresso de epistemologia, em 1938, quando seu amigo e jovem poeta Rogger Caillois⁷¹ recomendou que o filósofo lesse o livro.

Bachelard lança um volume com suas análises e impressões acerca de Lautréamont, além de outro livro sobre teoria das ciências antes de dar continuidade a suas investigações sobre a imaginação dos elementos. Ao retomar este empreendimento, temos um volume dedicado à água. Em *A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*, Bachelard diz não mais haver um compromisso científico nesse livro. Trata-se de vivenciar as imagens:

A sinceridade obriga-nos a confessar que não logramos a mesma retificação no tocante à água. As imagens da água, nós as vivemos ainda, vivemo-las sinteticamente em sua complexidade primordial, dando-lhes muitas vezes a nossa adesão irracional.⁷²

E, já que há uma adesão irracional às imagens, Bachelard confessa certa preocupação estética: “Nosso livro permanece, pois, como um ensaio de estética literária.”⁷³

Bachelard segue seu empreendimento de falar dos elementos materiais através de análises literárias, em um tom quase confessional, publicando *O ar e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação do movimento, A terra e os devaneios da*

⁷⁰ BACHELARD, G. *O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo : Editora Martins Fontes, 2001, 2ª edição. p. 8. Grifo do autor.

⁷¹ POULIQUEN, Jean-Luc. Palestras ministradas na UERJ em 2003, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009. Pouliquen tem acesso a correspondência que Bachelard trocava com escritores e poetas, e apresenta partes dos conteúdos das cartas nas palestras.

⁷² BACHELARD, G. *O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 2ª edição. p. 8.

⁷³ *Ibid.* p. 11.

vontade – Ensaio sobre a imaginação das forças e A terra e os devaneios do repouso – Ensaio sobre imagens de intimidade. Estes dois volumes tratam do elemento mais material, a terra, que, em suas diversas manifestações, oferece mais resistência física e demanda maior contato e força em seu trabalho.

Podemos dizer que as investigações que Bachelard realiza em sua poética dos elementos cósmicos tem por objetivo encontrar a origem das forças imaginantes, a substância que origina os devaneios. E assim, busca na imaginação a influência dos elementos cósmicos, ou ainda, uma inspiração arquetípica, inspiração esta que também é encontrada nas filosofias tradicionais e nas cosmogonias antigas. Para o autor, o devaneio só é válido, quando encontra sua matéria, pois, assim, “o devaneio é capaz de encontrar sua substância, sua regra, sua poética específica.”⁷⁴

Portanto, cada elemento atua diferentemente no imaginário humano, gerando imagens com características específicas. Assim, Bachelard diz que muitos escritores se vinculam com o elemento que lhe rende maior afinidade. Por exemplo, ele diz que Nietzsche se caracteriza por ser um poeta aéreo, cujas imagens literárias evocam verticalidade. Ou Novalis, poeta das águas belas, enquanto Poe seria o poeta das águas mortas, paradas. Bachelard valoriza o que há de específico em certos devaneios literários, atribuindo identidades aos poetas, sempre buscando encontrar a substância material que dá origem aos devaneios.

Segundo nosso autor, há, na filosofia estética, certa carência em tratar da beleza a partir da causa material. Por isso, Bachelard dedica-se à investigação sobre “a imaginação íntima dessas forças vegetantes e materiais” com o propósito de “discernir todos os sufixos da beleza, tentar encontrar, por trás das imagens que se mostram, as imagens que se ocultam, ir a própria raiz da força imaginante”.⁷⁵

Nosso filósofo privilegia a profundidade das imagens materiais, dando menos importância à beleza superficial das imagens formais, pois, segundo ele:

[...] uma mão ociosa e acariciante que percorre linhas bem feitas, que inspeciona um trabalho concluído, pode ficar encantada com uma geometria fácil. Ela conduz uma filosofia de um filósofo que vê o operário trabalhar. No reino da estética, essa

⁷⁴ BACHELARD, G. *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 4.

⁷⁵ *Ibid.* p. 2.

visualização do trabalho concluído leva naturalmente à supremacia da imaginação formal.⁷⁶

Por ser um filósofo que valoriza o trabalho dialético entre as forças dinâmicas e criadoras, sejam elas criadoras de imagens poéticas, ou sejam elas teorias racionais, Bachelard não se satisfaz com as facilidades fornecidas pelo olhar, nem com a passividade das belas imagens finais. Privilegia, assim:

[...] a mão trabalhadora e imperiosa [que] aprende a dinamogenia essencial do real ao trabalhar uma matéria que, ao mesmo tempo, resiste e cede como uma carne amante e rebelde. Acumula assim todas as ambivalências.⁷⁷

Bachelard argumenta que os devaneios inspirados por matérias substanciais são imagens que revelam mais sobre o psiquismo humano, por irem à profundidade do ser onírico. Os devaneios que tem por origem imagens apenas visuais não fornecem nada além de sua beleza fria, pois:

O *imaginário* não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas *imagens*; a princípio ele tem necessidade de uma *presença* mais próxima, mais envolvente, mais material. A realidade imaginária é evocada antes de ser descrita.⁷⁸

Assim, já em *A terra e os devaneios da vontade*, Bachelard diz ter abandonado a questão da beleza formal inerente às imagens literárias, concentrando suas análises na materialidade cósmica das imagens:

Deixemos a outros o cuidado de estudar a beleza das formas; queremos consagrar nossos esforços a determinar a beleza íntima das matérias; sua massa de atrativos ocultos, todo esse espaço afetivo concentrado no interior das coisas.⁷⁹

Para nosso autor, a imaginação material envolve não somente atividade intelectual a partir de impressões visuais. O bom sonhador imagina com o corpo, usa o contato de seu corpo contra a resistência do mundo como fonte de inspiração: “imaginação material é uma imaginação primordial. Ela imagina a criação e a vida das coisas com as luzes vitais, com as certezas da sensação imediata, isto é, escutando as grandes lições cenestésicas dos nossos órgãos.”⁸⁰ O corpo sente, e

⁷⁶ BACHELARD, G. *A água e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 14.

⁷⁷ *Ibid.* p. 14.

⁷⁸ *Ibid.* p. 126. Grifo do autor.

⁷⁹ *Idem.* *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 2. ed. p. 7. Grifo do autor.

⁸⁰ *Idem.* *A água e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 126.

ao sentir, imagina: convidando o intelecto a embarcar nessa viagem onírica promovida pela materialidade do mundo: “É na carne, nos órgãos, que nascem as imagens materiais primordiais.”⁸¹

Retomando o início da poética dos elementos, Bachelard publica em 1942 *A água e os sonhos*. Ao mesmo tempo em que continua com a temática do imaginário de um elemento cósmico, o volume também rompe com *A psicanálise do fogo*. A ruptura ocorre na mudança de abordagem das imagens poéticas sobre a água: o livro se configura como um ensaio de estética literária. Bachelard está preocupado em analisar as forças poetizantes em ação nas obras literárias, ou seja, a origem das imagens.

Bachelard atribui à imaginação o poder criativo, sendo a personagem central de suas investigações poéticas, conforme vemos na seguinte citação do livro *O ar e os sonhos*: “Pela imaginação abandonamos o curso ordinário das coisas. Perceber e imaginar são tão antitéticos quanto presença e ausência. Imaginar é ausentar-se, é lançar-se a uma vida nova.”⁸² Por sua capacidade de criar vida nova, o lugar da imaginação é exatamente a arte, a literatura, onde realidades, ou melhor, surrealidades são criadas no momento em que se imagina. Bachelard cria polêmica no pensamento estético ao desvincular a imaginação da percepção sensorial. O filósofo entende que a imagem percebida e a imagem imaginada possuem características diferentes, pesos oniricamente distintos. Quanto mais afastada da percepção a imagem sonhada for, mais criativa ela será, por ser mais material: “A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que tem novos tipos de visão.”⁸³

A imagem poética deve ser nova, deve ser inusitada, deve romper com as imagens percebidas na vida cotidiana. Nosso autor lança este argumento, pois a função da arte é nos tirar da vida comum, é nos lançar em um mundo novo, surreal, que passa a existir no momento em que o sonhador se entrega à atividade imaginante. Assim, para Bachelard “[...] a imagem percebida e a imagem criada são

⁸¹ BACHELARD, G. *A água e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 9.

⁸² Idem. *O ar e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 3.

⁸³ Idem. *A água e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 18.

duas instâncias psíquicas muito diferentes e seria preciso uma palavra especial para designar a *imagem imaginada*".⁸⁴

Logo na introdução de *A água e os sonhos*, Bachelard já nos apresenta a distinção entre a imaginação formal e imaginação material, que são forças oníricas que atuam de modos diferentes no momento da criação artística.

A imaginação formal privilegia as novidades das imagens, gerando imagens artísticas preocupadas com a beleza. Bachelard a caracteriza como as forças imaginantes que:

[...] encontram seu impulso na novidade; divertem-se com o pitoresco, com a variedade, com o acontecimento inesperado. A imaginação que elas vivificam tem sempre uma primavera a descrever. Na natureza, longe de nós, já vivas, elas produzem flores.⁸⁵

Por valorizarem a beleza formal, muitas vezes ligadas à percepção visual, as imagens oriundas da imaginação formal são fracas substancialmente, segundo nos mostra Bachelard: "Os jogos da imaginação formal, as intuições que completam as imagens visuais nos orientam em sentido contrário da percepção substancial."⁸⁶

Enquanto a imaginação formal realiza a beleza das imagens, a imaginação material, segundo as primeiras diferenciações bachelardianas, é formada por forças imaginantes:

[...] que escavam o fundo do ser, querem encontrar no ser, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno. [...] Na natureza, em nós e fora de nós, elas produzem germes [...] em que a forma está encravada numa substância [...].⁸⁷

A substância é essencial para a imaginação material.

No livro seguinte a *A água e os sonhos*, *O ar e os sonhos*, Bachelard comenta a definição dada à imaginação material, completando-a:

Permitimo-nos lembrar aqui alguns livrinhos recentes em que estudamos, sob o nome de *imaginação material*, essa espantosa necessidade de 'penetração' que, para além as seduções da imaginação das formas, vai pensar a matéria, sonhar a matéria, viver na matéria, ou então materializar o imaginário.⁸⁸

⁸⁴ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 3. Grifo do autor.

⁸⁵ Idem. *O ar e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 1.

⁸⁶ Ibid. p. 9.

⁸⁷ Idem. *A água e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 1.

⁸⁸ Idem. *O ar e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 8. Grifo do autor.

Bachelard mostra também porque considera a imaginação formal oniricamente fraca. Segundo ele, os poetas que se detêm na imaginação formal “limitam-se a transportar seus leitores ao país do pitoresco. Querem reencontrar *alhures* aquilo que vemos todos os dias ao nosso redor. Carregam, sobrecarregam de beleza a vida usual.”⁸⁹

As duas forças imaginantes não podem ser totalmente separadas, pois ambas tem sua função e empregabilidade no mundo imagético. Certas imagens são mais formais, mais belas, mas não por isso não são materiais. O mesmo pode acontecer com as imagens materiais, que não deixam de ser belas, mesmo trazendo em seu bojo todo vigor material. Porém, Bachelard privilegia em seus estudos a força inerente às imagens que carregam a materialidade cósmica própria aos elementos.

Vale ressaltar que, a princípio, *sonho* e *devaneio* possuem o mesmo sentido na vertente poética. Bachelard imprimirá a distinção entre as duas possibilidades de criação imagética somente na fase tardia de sua via poética.

Ao separar o *onirismo noturno* do *devaneio diurno*, Bachelard mais uma vez caracteriza a originalidade de seu pensamento. A distinção entre sonho e devaneio é de suma importância no pensamento poético do filósofo do não, pois rompe com as influências que a psicanálise e a fenomenologia⁹⁰ exerciam nas investigações estéticas do século XX. Esta distinção é importante porque para Bachelard a imagem poética deve ser o mais original possível, não podendo ser reprodução de imagens reais, nem ser fruto do inconsciente do autor, do sujeito imaginante.

Seguindo essa perspectiva que reintegra corpo e intelecto, inclusive no ato de imaginar, temos nos volumes dedicados ao elemento terrestre, o desenvolvimento de uma tese particular ao pensamento bachelardiano: a *psicanálise material*, que se trata do método pelo qual o sujeito imaginante cura-se de suas mazelas psíquicas através do embate de seu corpo contra a resistência material. A partir da terra

⁸⁹ BACHELARD, G. *O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 4. Grifo do autor.

⁹⁰ Este rompimento com influências psicanalíticas e fenomenológicas ocorrem na segunda fase do pensamento poético de Bachelard, nas obras *A poética do espaço* e *A poética do devaneio*. Bachelard entende que a psicanálise não pode servir como método de explicação da imagética na obra de arte, pois ao ser aplicada à arte, à imaginação literária, a psicanálise “busca a realidade” por detrás da imagem, a causa psíquica, o trauma vivenciado pelo poeta que dá origem à imagem. Tenta explicar a arte pela biografia de seu autor, ou, como afirma o seu discípulo Dagognet, “explicar a flor pelo estrume”. Ao fazer isso, a psicanálise “omite a investigação inversa: sobre a realidade buscar a positividade da imagem”, perde o dinamismo da imagem, a finalidade mesma da imaginação. E assim, prende a imaginação a um passado, o que não é possível dentro das análises bachelardianas, pois o que caracterizaria o devaneio é justamente a novidade, o fato de a imagem não reproduzir nem a percepção nem o passado, sendo ela um impulso de novidade essencial, sendo criada pela vontade do sujeito imaginante.

Bachelard pode falar da *resistência*, conceito importante em seu pensamento material, pois, sem dúvidas, trata-se do elemento que oferece maior resistência.

A psicanálise material em nada se confunde com a psicanálise presente na fase diurna da obra bachelardiana, que tem por objetivo depurar o conhecimento científico, torná-lo mais direto e isento de fontes de irracionalidades. A psicanálise material também não se confunde com a psicanálise proposta por seu inventor, Sigmund Freud. Com efeito, Bachelard é um crítico da psicanálise freudiana, pois para ele:

A psicanálise, nascida em meio burguês, negligencia muito amiúde o aspecto realista, o aspecto materialista da vontade humana. O trabalho sobre os objetos, contra a matéria, é uma espécie de psicanálise natural. Oferece chances de cura rápida porque a matéria não nos permite enganarmo-nos sobre nossas próprias forças.⁹¹

A psicanálise material trata da capacidade que o sujeito imaginante tem de modificar sua postura contra o mundo a partir do contato e da vivência com a concretude do mundo, e também ao ler passagens literárias que tragam esse sentimento de força, como vemos nos seguintes trechos:

[...] essas *imagens* literárias dão esperança a um sentimento, conferem um vigor especial à nossa decisão de ser uma pessoa, infundem uma tonicidade até mesmo à nossa vida física.⁹²

Essas imagens materiais, suaves e cálidas, tépidas e úmidas nos curam. Pertencem a essa medicina imaginária, medicina tão verdadeira oniricamente, tão fortemente sonhada que conserva uma considerável influência sobre a nossa vida inconsciente.⁹³

A psicanálise material ocorre quando o sujeito imaginante entra em contato com a matéria, pois segundo Bachelard:

[...] a matéria é nosso *espelho* energético; é um espelho que focaliza as nossas potências iluminando-as com alegrias imaginárias. [...] O certo é que os devaneios materiais mudam a dimensão de nossas potências; dão-nos as ilusões da onipotência. Essas ilusões são úteis, pois já são um encorajamento para atacar a matéria em seu âmago.⁹⁴

⁹¹ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 25.

⁹² Idem. *O ar e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 3. Grifo do autor.

⁹³ Idem. *A água e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 133.

⁹⁴ Idem. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 20. Grifo do autor.

Ao atacar, ou melhor, ao trabalhar a resistência da matéria nosso corpo é convidado a ser mais ativo, mais tenaz. Sendo assim, o trabalho da matéria seria o que o autor chama de psicanálise natural, indo de encontro a psicanálise freudiana, onde o sujeito apenas verbaliza suas sentimentos. Assim, a psicanálise natural, segundo Bachelard, vai além do método terapêutico freudiano que apenas verbaliza, sendo pouco material.

Seguindo a proposta de Bachelard de reintegrar corpo e intelecto, a psicanálise material viabiliza esta reintegração na medida em o mundo naturalmente oferece-se como resistência a ser apreendida. Bachelard argumenta que imaginar é uma atividade de dinamogenia, ou seja, de criação de potências humanas:

[...] é no trabalho excitado de modos tão diferentes pelas matérias duras e pelas matérias moles que tomamos consciência de nossas próprias potências dinâmicas, de suas variedades, de suas contradições. [...] Todos esses objetos *resistentes* trazem a marca das ambivalências da ajuda e do obstáculo. São seres por dominar. Dão-nos o ser de nossa perícia, o ser de nossa energia.⁹⁵

Assim, a psicanálise material está vinculada à terra, pois é o elemento que oferece a resistência de modo mais concreto.

Para dar um exemplo da psicanálise material atrelada à imaginação da terra, vamos analisar as considerações de nosso autor sobre uma passagem de um livro literário de Jean Paul Sartre. Em *A náusea*, o personagem principal Roquentin sente náusea nas mãos ao tocar objetos, uns cascalhos na praia. Segundo sua própria fala, citada por Bachelard:

Os objetos, a gente não deveria tocá-los, já que não vivem. A gente se serve deles, recoloca-os no lugar, vive no meio deles: eles são úteis, nada mais. E a mim, eles tocam, é insuportável. Tenho medo de entrar em contato com eles como se fossem animais vivos.

Agora estou vendo; lembro-me melhor do que eu senti, outro dia, na praia, quando segurava aquele cascalho era uma espécie de enjoo adocicado. Como era desagradável! E aquilo vinha do cascalho, tenho certeza, passava do cascalho para minhas mãos. É, é isso, é isso mesmo: uma espécie de náusea nas mãos.⁹⁶

Bachelard detecta uma inversão na náusea sartriana, pois seu personagem sente nojo ao tocar uns cascalhos na praia, porém, não se incomoda ao tocar trapos e papéis cheios de imundície: “abaixei-me [para apanhar um papel que desaparecia sob uma crosta de lama], já me alegrava de tocar aquela massa macia e fresca que

⁹⁵ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 16. Grifo do autor.

⁹⁶ Ibid. p.92.

se enrolaria sob meus dedos em bolinhas cinzas. Não consegui.”⁹⁷ Mesmo não tendo conseguido tocar a lama, há uma atração, e não uma náusea. Para Bachelard, na personagem “o nojo e a atração habituais estão materialmente invertidos.”⁹⁸

Para Bachelard, a atitude da personagem sartriana revela que “Roquentin está doente *no próprio mundo de suas imagens materiais*, isto é, em sua vontade de estabelecer uma relação eficaz com a *substância das coisas*.”⁹⁹ Assim, segundo a análise bachelardiana, por Roquentin não querer tocar os objetos que lhe despertam náusea, ele “nunca poderá manter na vida uma atitude firme.”¹⁰⁰ Isto ocorre, pois segundo as considerações de Bachelard, “a matéria é reveladora do ser”¹⁰¹, e se é esta a atitude de Roquentin diante de objetos de certas resistências materiais, será sua atitude diante do mundo.

Assim Bachelard complementa seu comentário afirmando que este é um exemplo de uma imaginação manual enfraquecida, e que, por ser enfraquecida, se furta ao trabalho da massa:

Diante de uma matéria um tanto insidiosa ou fugidia, a separação do sujeito e do objeto é mal feita, o tateante e o tateado se individualizam mal, um é lento demais, o outro é mole demais. [...] O mundo é uma cola, um grude, uma massa para sempre mole demais, uma massa amassada molemente pelo amassador e que sugere à mão - um absurdo material – *desapertar* seu aperto, renegar seu trabalho.¹⁰²

Dando prosseguimento a nosso plano argumentativo, falaremos agora sobre cada um dos volumes da poética dos elementos. Não nos estenderemos em nossas análises sobre cada livro, pois nosso objetivo nesse capítulo é mostrar como a noção de materialismo é tratada na vertente poética do pensamento Bachelardiano, ou seja, a partir da diferenciação entre imaginação formal e material, e mostrar como os elementos foram tratados de maneira substancialista. Assim, como já mostramos a ruptura entre as duas formas de imaginação, além de ter mostrado, em linhas gerais, o que Bachelard entende por psicanálise material, daremos continuidade ao capítulo fazendo um pequeno comentário sobre os livros da poética dos elementos

⁹⁷ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.91.

⁹⁸ Ibid. p.91.

⁹⁹ Ibid.p.91. Grifos do autor.

¹⁰⁰ Ibid. p.91.

¹⁰¹ Ibid. p.92.

¹⁰² Ibid. p.92. Grifo do autor.

com o objetivo de ressaltar o tratamento substancialista que Bachelard lança sobre os elementos.

Já mostramos, no início do capítulo como ocorre a primeira aproximação de Bachelard ao tema imaginário, fazendo a psicanálise do conhecimento objetivo do fogo. Seguindo a ordem cronológica da publicação dos livros sobre os demais elementos, falaremos primeiramente do volume sobre a água, depois sobre o ar, e por último, sobre os dois volumes dedicados a terra.

Bachelard organiza em seu livro sobre o imaginário das águas imagens literárias de acordo com algumas temáticas. Como não se trata de apresentarmos uma análise sistemática do livro, nem do imaginário aquático, não ficaremos nos pormenores de cada capítulo.

Segundo os critérios de Bachelard a água é abordada geralmente apenas como ornamento para paisagens, sendo assim, difícil encontrar imagens onde ela seja substancialmente imaginada. E Bachelard começa abordando imagens onde a água é mal substancializada, pois seus autores ficaram apenas nas superfícies. Entretanto, cita Poe como um exemplo positivo de água substancial, profunda. Bachelard elabora alguns complexos com relação ao imaginário da água, sendo eles complexo de cisne, de Caronte e de Ofélia; dedica um capítulo para falar da água misturada a outros elementos, ora estabelecendo relação de casamento, ora de combate. Aborda também a água pura e a água violenta, além de escrever algumas páginas sobre a feminilidade da água, cuja característica é exemplificada por Bachelard através de uma passagem de Novalis que vamos citar. Depois dessa viagem ao imaginário aquático de Novalis, comentaremos o livro *O ar e os sonhos*.

Bachelard cita d' *Offerdingem*, de Henri Novalis, revelando como, ao entrar em contato com a água, o sonhador se entrega a infinitude de seu devaneio. A água, que, segundo o filósofo, se trata do elemento mais feminino, convida a personagem de Novalis para um mergulho substancial.

Depois de ter molhado as mãos e umedecido os lábios numa lagoa encontrada em seu sonho, Novalis é acometido por um 'desejo invencível de banhar-se'. Nenhuma *visão* o convida a isso. É a própria *substância* que ele tocou com as mãos e os lábios que o chama. Chama-o *materialmente*, em virtude, parece de uma participação mágica.

O sonhador despe-se e entra na lagoa. Só então as imagens vêm, saem da matéria, nascem, como de um germe, de uma realidade essencial primitiva, de uma embriaguez que não sabe ainda projetar-se.

[...] As formas femininas nascerão da própria substância da água, em contato com o peito do homem, quando, parece, o desejo do homem se definirá.

Mas a *substância voluptuosa* existe antes das formas da volúpia. (Novalis, Henri d'Offerdingem, pág. 9)¹⁰³

Segundo a análise de Bachelard, não foi a visão da lagoa que atraiu Novalis para o banho. Foi exatamente o próprio toque da água com as mãos e os lábios. E somente depois de encontrar-se mergulhado na água é que as imagens surgem, como consequência do contato corpo-água, não como causa. E por ter vivenciado um contato substancial com a água, as imagens que surgem desse contato não são formais:

O sonhador [...] goza da posse substancial. Como não experimentaria ele um certo desdém pelas formas? As formas são, já, roupas; a nudez desenhada com excessiva precisão é glacial, fechada, encerrada em suas linhas. Por conseguinte, para o sonhador calorizado, a imaginação é puramente uma *imaginação material*.¹⁰⁴

Bachelard complementa sua análise do trecho, tratando agora da imaginação e da matéria presentes na passagem selecionada:

[...] a imaginação de Novalis é comandada por um *calorismo*, isto é, pelo desejo de uma substância quente, suave, tépida, envolvente, protetora, pela necessidade de uma matéria que cerca o ser inteiro e que o penetra intimamente. É uma imaginação que se desenvolve em profundidade.¹⁰⁵

Podemos ver a interpretação substancialista que Bachelard dá a água na sua poética. Mostraremos agora como isto ocorre com relação ao elemento aéreo, e posteriormente, com a terra, sempre tratando em linhas gerais o plano de cada livro.

O ar e os sonhos é o volume que trata das dinâmicas das imagens aéreas. O ar, por ser pouco material, concentra-se em oferecer dinamicidade às imagens vinculadas a ele. Assim, no volume, Bachelard concentra-se na mobilidade das imagens, no mobilismo que as induzem em nosso ser.

Mas, o que nosso ser ganha de positivo ao ler imagens de mobilismo? Bachelard nos responde na página 6 da introdução do livro: “[...] a imaginação é uma das formas da audácia humana. Recebemos dela um dinamismo renovador”¹⁰⁶, capaz de renovar nossas potências criadoras que criam tanto a persona que somos, quanto a criatividade onírica, e mesmo física.

¹⁰³ BACHELARD, G. *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 132. Grifos do autor.

¹⁰⁴ Ibid. p. 133. Grifo do autor.

¹⁰⁵ Ibid. p. 132. Grifo do autor.

¹⁰⁶ Idem. *O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 6.

As principais imagens que Bachelard reúne no livro dedicado ao elemento aéreo são imagens de metáforas da imaginação ascensional, como altura, elevação, profundidade, abaixamento, quedas imaginárias, voo, altura, além de fenômenos ou objetos aéreos, como nuvens, constelações, a cor azul do céu, e árvores aéreas. Nosso autor também faz referência a asas e afirma certa cautela nas imagens demasiadamente fáceis sobre a liberdade, geralmente atreladas ao elemento aéreo.

Shelley, Balzac, Rilke e Nietzsche são elogiados nas análises que Bachelard apresenta em seu livro. Bachelard também faz referências elogiosas aos estudos do psiquiatra Robert Desoille, que elabora uma verdadeira psicologia ascensional, a qual Bachelard nos apresenta.

Finalizamos nossa breve análise sobre o livro *O ar e os sonhos* apresentando um trecho onde o filósofo francês examina o imaginário poético do também filósofo Nietzsche, que se manifesta através de sua obra literária, *Assim falou Zaratustra*, além de várias poesias publicadas em um volume francês:

Para Nietzsche, com efeito, o ar é a substância mesma da nossa liberdade, a substância da alegria sobre-humana. O ar é uma espécie de matéria superada, da mesma forma que a alegria nietzschiana é uma alegria humana superada. A alegria terrestre é riqueza e peso – a alegria aquática é moleza e repouso – a alegria ígnea é amor e desejo – a alegria aérea é liberdade.¹⁰⁷

Passaremos a tratar dos dois livros que Bachelard dedica ao imaginário relativo à terra. Primeiramente, mostraremos a justificativa que Bachelard apresenta para dividir seus estudos em duas partes.

Sobre a matéria terrestre, o filósofo dedica dois volumes, pois reconhece dois movimentos distintos: a introversão e a extroversão. O primeiro aborda os “devaneios ativos que nos convidam a agir sobre a matéria”¹⁰⁸, o trabalho. O segundo livro valoriza as imagens de intimidade. Assim, temos em 1948 a publicação de dois volumes, *A terra e os devaneios da vontade – Ensaio sobre a imaginação das forças*, e *A terra e os devaneios do repouso – Ensaio sobre as imagens de intimidade*. Conforme afirma Bachelard, o primeiro livro é escrito sob o signo da preposição *contra*, já o segundo é escrito sob o signo da preposição *dentro*.

Enquanto convida para o trabalho, a terra se oferece como algo a dominar, portanto, muitas das imagens literárias selecionadas por Bachelard no livro sobre a

¹⁰⁷ BACHELARD, G. *O ar e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 136. Grifos do autor.

¹⁰⁸ Idem. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 7.

vontade são exatamente de profissões simples, como o padeiro que conhece cada ponto de sua massa, ou o ferreiro, que coordena sob suas mãos a ação de água e fogo sobre o ferro.

Podemos perceber que a terra se oferece de várias tenacidades ao homem, e que, ao se misturar com outros elementos, modifica-se em sua resistência, assim também como em seu domínio. Assim, as imagens materiais sobre a terra são desde as mais moles às mais duras, portanto Bachelard apresenta essa variação em seu livro, dedicando alguns capítulos sobre a matéria dura e outros sobre a moleza. Depois trata da terra enquanto rochas, cristais, e um sobre a questão da gravidade, complementando um tema já analisado por ele no livro precedente, *O ar e os sonhos*.

Já no volume sobre a intimidade do elemento terrestre, Bachelard tem como foco central a questão da intimidade da matéria:

As imagens materiais nos envolvem em uma afetividade mais profunda, por isso se enraízam nas camadas mais profundas do inconsciente. As imagens materiais substancializam um *interesse*.¹⁰⁹

Contrariamente ao que uma primeira impressão pode causar, as imagens de repouso que Bachelard nos mostra não são imagens de imobilidade. A intimidade essencial do ser é em um sentido de intensidade, pois para ele as imagens de acolhimento também são dinâmicas, conforme Bachelard argumenta:

É ao sonhar com essa intimidade que se sonha com o repouso do ser, com um repouso enraizado, um repouso que tem *intensidade* e que não é apenas essa imobilidade inteiramente externa reinante entre as coisas inertes.¹¹⁰

Os grandes signos de acolhimento recolhidos por nosso filósofo em geral evocam a maternidade, o acolhimento uterino, tais como casa, ventre, caverna, concha. Além das imagens de acolhimento uterino, há as vias subterrâneas e de labirintos, onde o acolhimento ocorre na própria terra. Trata da serpente, e da raiz, que seriam o labirinto animal e o labirinto vegetal, respectivamente.

Os dois movimentos sobre a terra, o que quer dominá-la através do trabalho, e o que quer interiorizar-la, por vezes atuam conjuntamente na imaginação humana, aliando a curiosidade pelo 'dentro' à violência, conforme Bachelard nos diz:

¹⁰⁹ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso: Ensaio sobre a imaginação de intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 3. Grifo do autor.

¹¹⁰ Ibid. p. 4. Grifo do autor.

A vontade de olhar para o interior das coisas torna a visão *aguçada*, a visão *penetrante*. Transforma a visão numa violência. Ela detecta a falha, a fenda, a fissura pela qual se pode *violar o segredo* das coisas ocultas. A partir dessa vontade de olhar para o interior das coisas, de olhar o que não se vê, o que não se *deve* ver, formam-se estranhos devaneios *tensos*, devaneios que formam um vinco entre as sobrancelhas. Já não se trata então de uma curiosidade passiva que aguarda os espetáculos surpreendentes, mas sim de uma curiosidade agressiva, etimologicamente inspetora. É essa curiosidade da criança que destrói seu brinquedo para ver o que há dentro.¹¹¹

Uma característica bastante relevante do materialismo bachelardiano em sua vertente poética é justamente o fato de Bachelard apresentar os elementos de maneira substancialista, a maneira das cosmogonias antigas e das filosofias tradicionais. Segundo o filósofo, “Ao colocar o problema da substância no plano das *imagens materiais*, ficamos impressionados com o fato de que essas imagens [sejam] tão numerosas, tão variáveis (...)”¹¹² A substância material em contato com o sujeito imaginante promove a criação de imagens poéticas cuja originalidade e potência são as grandes qualidades atribuídas por Bachelard a elas.

É impossível tratar da poética dos elementos sem detectar o substancialismo inerente às análises bachelardianas, pois os elementos, enquanto causa arquetípica das imagens, são retratados pelos autores enumerados por Bachelard sempre de maneira substancialista, sem abstração, sem idealização: o elemento está lá, pode ser sentido. E quando não é encontrado de maneira direta, é porque o elemento está materializado de outra maneira, como exemplo, o ar, através dos ventos, ou a terra em forma de lama e de pedra.

Na introdução de *A terra e os devaneios da vontade* Bachelard diz que, ao findar seus estudos das imagens sobre os elementos cósmicos, abordando como eles aparecem em diversas obras literárias, seu empreendimento pode ser considerado uma filosofia da imagem literária. “Os *Ensaíos* [que estamos publicando há vários anos sobre a imaginação da matéria] deveriam constituir pouco a pouco os elementos de uma filosofia da imagem literária.”¹¹³ Ao longo dos volumes sobre a poética dos elementos encontram-se várias noções que inauguram uma nova forma de abordagem estética, além de novas possibilidades de analisar questões já presentes em uma estética tradicional.

¹¹¹ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso*: Ensaio sobre a imaginação de intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p. 8. Grifos do autor.

¹¹² Ibid. p. 8. Grifos do autor.

¹¹³ Idem. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 7. Grifo do autor.

Assim, finalizamos nosso capítulo onde tratamos do materialismo bachelardiano em sua vertente poética. Através da análise dos livros sobre imaginação dos elementos cósmicos podemos abordar a imaginação material e sua ruptura com a imaginação formal, assim como a psicanálise material. Mostramos também como os elementos são tratados de maneira substancialista, abordagem esta que será superada por Bachelard ao tratar do materialismo em sua vertente epistemológica – temática de nosso próximo capítulo.

3 O MATERIALISMO ERUDITO

O progresso científico manifesta sempre uma ruptura, perpétuas rupturas, entre o conhecimento comum e o conhecimento científico, contanto que se aborde uma ciência evoluída, uma ciência que, exatamente por estas rupturas, leva a marca da modernidade.

Gaston Bachelard

Vimos no capítulo anterior como o Materialismo é abordado na vertente poética do pensamento de Gaston Bachelard. Através do conceito de imaginação material, que se opõe à imaginação formal, perpassamos toda a poética dos elementos cósmicos, e entendemos o materialismo sobre a ótica subjetiva, além de entender a questão do embate de forças materiais com o corpo do sujeito. Porém, nesse momento, este materialismo é um materialismo que traz resquícios de um substancialismo que se encontra arraigado na base do pensamento filosófico como um todo. E trata-se também da impressão de um sujeito preocupado em sonhar bem as imagens literárias.

É chegada a vez de tratar da matéria em sua vertente epistemológica, na fase diurna do pensamento bachelardiano. O materialismo racional é consequência da fase poética do pensador francês. Somente por ter vivenciado a matéria através dos elementos cósmicos Bachelard pode conduzir sua reflexão para o tema do materialismo científico. Bachelard usará a química como instrumento racional para analisar a matéria racionalmente.

Durante a fase cósmica do pensamento bachelardiano, o materialismo embasou-se no lado substancialista da matéria. Nesse capítulo mostraremos como Bachelard vai se desfazer do substancialismo na vertente epistemológica devido a uma conceitualização muito particular de matéria e, vai poder, assim, desenvolver uma filosofia adequada para tratar da matéria.

Entendemos por uma filosofia adequada a tratar da matéria o pensamento que parte da própria matéria, desde suas práticas e vocabulário, sem tomar a forma

como parâmetro. Bachelard denuncia haver na tradição do pensamento filosófico uma valoração exacerbada à forma e seus atributos, geralmente de característica visual.¹¹⁴

Para compreender adequadamente a matéria, o cientista deve tornar sua *razão encarnada*, ou seja, deve estar dentro do corpo para que possa compreendê-la em seus atributos essenciais. Pensar com o corpo se faz necessário nesse momento.

Depois, nosso capítulo analisará como a matéria afeta a razão, abrindo-a em racionalismos setoriais, tese bastante peculiar ao pensamento bachelardiano. E concluiremos especificando as características do materialismo erudito, mostrando como o filósofo francês desenvolveu uma racionalidade que rompe com parte do pensamento vigente, conservador, de sua época.

No livro, *O materialismo racional*, Bachelard continua a tratar do materialismo, porém agora sob o ponto de vista racional, abordando a química contemporânea. O mote central do livro consiste em mostrar como a ela pode romper com a química moderna e com a tradição filosófica através de conceitos que valorizavam a matéria, tornando-se, assim, um *novo espírito materialista*¹¹⁵, que é descrito ao longo do livro. A partir desse novo espírito materialista, Bachelard vai delinear o que ele chama de materialismo científico, materialismo ordenado, ou materialismo erudito, tendo em vista que já havia abordado o materialismo imaginativo nas obras anteriores:

Parece-nos necessário estudar verdadeiramente o *materialismo da matéria*, o materialismo instruído pela enorme pluralidade das diferentes matérias, o materialismo experimentador, real, progressivo, humanamente instrutivo. Veremos que, após o malogro dos ensaios racionalistas prematuros, se constitui verdadeiramente, na consciência contemporânea, um *racionalismo materialista*.¹¹⁶

Para tal empresa, Bachelard precisa impor uma ruptura entre o materialismo imaginativo e o materialismo científico, pois “o pensamento essencialmente progressivo da ciência da matéria parte daqui, em nítida ruptura com todo o materialismo *natural*.”¹¹⁷ Já na conclusão do livro, Bachelard complementa a ideia:

¹¹⁴ Esse argumento bachelardiano de valorização da forma em detrimento da matéria ficará mais claro ao longo do capítulo. Assim como a questão da visão preponderante aos outros sentidos.

¹¹⁵ BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 12. Grifos do autor.

¹¹⁶ Ibid, p. 12.

¹¹⁷ Ibid. p. 10. Grifo do autor.

A ruptura entre o conhecimento comum e o conhecimento científico parece-nos tão nítida que estes dois tipos de conhecimento não poderiam ter a mesma filosofia. O empirismo é a filosofia que convém ao conhecimento comum. O empirismo encontra aí as duas raízes, as suas provas, o seu desenvolvimento. Pelo contrário, o conhecimento científico é solidário do racionalismo e, quer queira quer não, o racionalismo está ligado à ciência, o racionalismo conhece uma atividade dialética que impõe uma extensão constante dos métodos.¹¹⁸

O materialismo científico, ordenado e técnico, se preocupa com aspectos racionais da matéria, a partir dela mesma; enquanto que o materialismo imaginativo parte de experiências subjetivas, preocupando-se com o sujeito, e com suas transformações a partir do contato material.

Teremos, assim, a ocasião de provar que uma filosofia da matéria compromete, antes de mais, o homem inteiro e que é preciso, por conseguinte, uma psicanálise persistente para situar a filosofia química no clima da racionalidade.¹¹⁹

Na introdução de *O materialismo racional*, Bachelard diz haver uma divisão do materialismo entre imaginação e experiência. Segundo o filósofo francês, esta divisão se funda em uma dialética radical nas bases do materialismo. Somente assim surtirá efeito a psicanálise, capaz de separar o materialismo da experiência comum, do materialismo racional, ordenado por caracteres da razão. Ou ainda, em outras palavras, estabelecer rompimentos entre o materialismo imaginativo e o materialismo erudito:

A mesma ruptura, mais difícil de consumir, terá de ser provocada no interior do materialismo para levar a compreender como o materialismo discursivo e progressivo se afasta do materialismo ingênuo, por outras palavras, há que demonstrar como o *materialismo ordenado*, saído das seguranças do realismo, se une às certezas do racionalismo.¹²⁰

Para Bachelard, não se trata de excluir permanentemente as imagens do psiquismo humano: há que se aceitar a vida dupla do homem, a vida racional e a vida onírica que compõem a base de uma antropologia completa. Porém, os problemas do materialismo só poderão ser adequadamente estudados em seus devidos 'horários' na medida em que se fizer a "separação completa entre a vida racional e a vida onírica."¹²¹ A ruptura é necessária, pois "A matéria, com efeito,

¹¹⁸ BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 260.

¹¹⁹ Ibid. p. 62. Gostaríamos de deixar claro que, neste momento, Bachelard trata da psicanálise do conhecimento objetivo, que tem como preocupação purificar o conhecimento científico, e não a psicanálise material.

¹²⁰ Ibid. p. 27. Grifo do autor.

¹²¹ Ibid. p. 29.

traz-nos convicções quase imediatas que nascem associadas a devaneios inevitáveis fortemente enraizados no nosso inconsciente.”¹²²

Bachelard defende que deve haver um conhecimento que privilegia mais a matéria, que valoriza a concretude do mundo, porém, esse conhecimento deve ser elaborado, não podendo se aproximar do conhecimento comum, do senso comum:

Os conceitos de partida ligados à matéria por um materialismo ingênuo aparecem às intuições eruditas como pura e simplesmente provisórias. Duro, mole, quente, frio, imóvel, estável, direito, redondo, quadrado, como outros conceitos com clara validade no conhecimento comum sendo todos atingidos por um essencial relativismo se as matérias se tocam, cooperam para o funcionamento de uma máquina.¹²³

A química contemporânea não parte de objetos dados pela apreensão sensível. Seu objeto de estudo é um fenômeno tecnicamente criado, é a razão aplicada e materializada naquele fenômeno. Nem mesmo as categorias químicas essenciais permanecem intactas diante dessas novas práticas do novo espírito científico. Por exemplo, a noção de homogeneidade, que é duvidosa fora dos métodos científicos de homogeneização, como Bachelard descreve na citação seguinte:

Quando se acompanham os progressos do materialismo erudito, vê-se que não podemos de modo nenhum confiar na homogeneidade sensível, numa homogeneidade de um *dado*. A homogeneidade conservada pela ciência passou pela instrumentação do intermaterialismo, foi obtida *indiretamente* pela aplicação de técnicas experimentadas, de técnicas continuamente retificadas. Caracteriza uma época científica. Fora dos métodos de homogeneização fundados cientificamente, a homogeneidade tem um valor duvidoso.¹²⁴

O conceito de homogeneidade geral, dado pelo senso comum não tem aplicabilidade na química contemporânea, e não terá em outros momentos e setores. Seria muita ingenuidade adotar um conceito frágil, corriqueiro. Somente um conceito retificado experimentalmente pela razão técnica poderá ter serventia na ciência.

O objetivo de Bachelard é “estudar verdadeiramente o *materialismo da matéria*, o materialismo instruído pela enorme pluralidade das diferentes matérias, o materialismo experimentador, real, progressivo, humanamente instrutivo.”¹²⁵ Bachelard menciona a pluralidade das diferentes matérias como objeto de estudo da

¹²² BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 27.

¹²³ Ibid. p. 24.

¹²⁴ Ibid. p. 82. Grifos do autor.

¹²⁵ Ibid.p. 12. Grifo do autor.

química contemporânea, pois se contrapõe aos quatro elementos primordiais que embasavam os estudos alquímicos: ar, água, fogo e terra. Nestes estudos alquímicos há certa ingenuidade ao tratar dos elementos, que não é encontrada na química contemporânea:

Quando o materialismo abandona a falsa clareza de uma teoria dos quatro elementos, das quatro raízes simples da materialidade, entrega-se a investigações a respeito das matérias terrestres, os corpos tangíveis; é de novo colocado perante a extrema diversidade das matérias sólidas.¹²⁶

A diversidade de substâncias e pluralidade de materiais é importante para a fundação de um novo modo de se pensar e agir na química contemporânea. Bachelard diz que a nova maneira de pensar os objetos químicos parte de rupturas com noções do senso comum. Porém, há rupturas também com as próprias práticas científicas e filosóficas.

Primeiramente, rompe-se com a filosofia formalista, que considerava a matéria como algo subalterna à forma, sempre privilegiando a forma. Bachelard defende uma valorização da matéria, abordando-a a partir dela mesma, e não como não-forma. Vejamos primeiro como a matéria foi abordada pela tradição, como algo menor, visto que o foco sempre foi a forma¹²⁷.

O novo espírito materialista da química do século XX não toma a matéria em seu aspecto substancialista. Matéria, como Bachelard descreve é algo que se apresenta no mundo como resistência, é algo que não pode ser apreendido senão como força.

Seguidamente, veremos como o materialismo racional rompe com a filosofia substancialista, pois adota uma concepção de matéria inovadora e não-substancial. Para caracterizar o materialismo não-substancialista que Bachelard descreve, iremos abordaremos o livro *A filosofia do não – Filosofia do novo espírito científico*, onde encontramos o capítulo *O não-substancialismo: os pródromos de uma química não-lavoisiana*, reforçando, assim a noção de matéria que Bachelard emprega em sua obra, ou seja, enquanto resistência.

¹²⁶ Ibid, p. 80.

¹²⁷ É sabido que fazer generalizações é atitude pouco filosófica. Entretanto adotamos a mesma postura do filósofo francês de considerar a tradição como um todo como tendo privilegiado a forma, em detrimento da matéria. Reconhecemos a importância das abordagens de Anaxágoras, Demócrito, Diderot, Le Mettrie, para citar apenas alguns nomes.

A principal característica do pensamento de Gaston Bachelard é a *filosofia do não*, pensamento que se baseia nos argumentos da tradição, porém a partir de sua negação. É a partir de críticas à tradição filosófica que Bachelard constrói todo pensamento, se autodenominando, inclusive, como *filósofo iconoclasta* e tendo escrito um livro intitulado *A filosofia do não*.

Iniciaremos a crítica à tradição feita por Bachelard. Para ele, adepto de uma filosofia do não, é imprescindível falar da questão do materialismo através do erro cometido pela tradição científico-filosófica quando se trata do estudo da matéria.

Para Bachelard, “o materialismo filosófico tradicional é um *materialismo sem matéria*, um materialismo completamente metafórico.”¹²⁸ Isto ocorre devido à tendência da tradição do pensamento em privilegiar a forma, em detrimento da matéria. Outra tendência seria a conceitualização da matéria a partir de conceitos formais, começando equivocadamente desde a própria apreensão da matéria.

O primeiro erro, segundo Bachelard, consiste em fundamentar a apreensão material em experiências primeiras. Este é um argumento central da epistemologia bachelardiana: eliminar as apreensões primeiras através da psicanálise do conhecimento objetivo (já tratamos desse tema no primeiro capítulo). Porém, quando o assunto é a cognição da matéria, a apreensão primeira ganha uma nova dimensão de erro: no geral, a primeira apreensão se dá através do olhar, que contempla a distância, e exprime-se em termos visados¹²⁹.

A tese de Bachelard é a que a contemplação, a atitude filosófica que entende o olhar como extensão do pensamento, não pode apreender a matéria. Para ele,

[...] essa atitude contemplativa, que é uma das características mais comuns da filosofia, não corresponde simplesmente a um *tempo particular* do trabalho filosófico; é o tempo inicial, o tempo do começo, assumido de uma maneira mais ou menos factícia pela filosofia idealista.¹³⁰

A matéria não é apreendida pelo olhar, nem em primeira nem em segunda visada. Ela é, de fato, algo que escapa ao olhar. Ao tentar captar a matéria pelo olhar, perde-se a essência da matéria.

O método de cognição da matéria é inadequado, pois a tendência é explicar a matéria pela forma, geometrizando a matéria e não considerando quaisquer de seus

¹²⁸ BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990.p. 12. Grifo do autor.

¹²⁹ Ibid, p. 20.

¹³⁰ Ibid. p. 19.

atributos materiais. Isso seria equivocado, pois o olhar contemplativo e passivo sobre o objeto não fornece o conhecimento sobre sua materialidade, segundo Bachelard.

Há “a tentação continuamente ativa na história da filosofia de explicar a matéria pela forma [...] sem nunca ter em conta uma instância material” ¹³¹. E esta atitude, segundo o pensador francês, é mais evidente na filosofia idealista, onde além de “não por o espírito de acordo com a experiência positiva das propriedades da matéria” ¹³², alguns filósofos idealistas “situam a matéria de maneira antitética à forma” ¹³³, classificando-a como o oposto da forma, como o atributo que traria os elementos irracionais do ser, já que se acredita que o ser do objeto residiria na forma:

Para eles [filósofos idealistas] a matéria é uma antiforma, o nada da forma. E como para eles a forma é o ser, a matéria é finalmente o não-ser. Para outras concepções do idealismo ingênuo, a matéria é um receptáculo de irracionalidades não definidas, nem definíveis, de irracionalidades sem algum preâmbulo de racionalidade. Ou então a matéria é um fundo de indiferença que espera pelas potências diferenciadoras da ação. Assim, pobre realização do caos, a matéria é ao mesmo tempo o informe e o informulável; recebe todos os matizes pejorativos que vão do inominado ao inominável. ¹³⁴

Na alquimia, também se encontra o hábito de mal caracterizar a matéria, que é considerada um princípio de generalidade essencial:

[a matéria] é uma entidade suficientemente geral para sustentar, sem as explicar, todas as formas individuais, todas as qualidades particulares. Não se lhes reconhece nenhuma força para manterem a sua forma. E pode-se até privá-la das suas qualidades. São numerosos os textos alquímicos em que se refere esta pretensão de desqualificar a matéria para, em seguida, lhe atribuir uma qualidade escolhida. ¹³⁵

A partir das críticas lançadas por Bachelard, entende-se que a matéria não foi adequadamente conceitualizada nem apreendida porque sempre se privilegiou a forma, até mesmo quando o objetivo é analisar a matéria. A simplificação, a tomada de parâmetros equivocados e a forma de cognição ineficiente são a base das críticas que ajudam Bachelard na formulação de seu materialismo erudito, racionalismo em ato que desacredita continuamente as experiências imediatas ¹³⁶. O

¹³¹ BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 18.

¹³² Ibid. p. 18.

¹³³ Ibid. p. 18.

¹³⁴ Ibid. p. 18.

¹³⁵ Ibid. p. 77.

¹³⁶ Ibid. p. 16.

materialismo deve partir da própria matéria para falar da matéria. A matéria não pode ser apreendida apenas visualmente, pois ela foge ao olhar. O estudioso do pensamento de Gaston Bachelard, José Américo Pessanha, agrupa sob o nome de *vício da ocularidade* as críticas que Bachelard faz à tradição que privilegia a forma, em detrimento à matéria, conforme vemos na citação:

Frequentemente Gaston Bachelard alude ao vício da 'ocularidade' que caracteriza a cultura ocidental, tendente a privilegiar a causa formal em detrimento da causa material, na explicação dos fenômenos.¹³⁷

Ao apontar a maneira como a tradição filosófica e científica pensou a matéria ao longo da história, Bachelard faz uma crítica à tradição que privilegiou a forma, e seus atributos visuais. Pessanha nomeia a crítica como 'crítica ao vício da ocularidade', que se faz presente nas duas vertentes da obra do filósofo: "Os olhos em paz veem as coisas, delineiam-nas sobre um fundo de universo, e a filosofia – ofício dos olhos – toma consciência de espetáculo. O filósofo coloca um não-eu *defronte* do eu."¹³⁸

O vício da ocularidade seria a tendência da tradição filosófica e científica de privilegiar o olhar, em detrimento dos outros sentidos, por entendê-lo como extensão da consciência. Assim fundamenta-se no sentido da visão, fazendo do olhar o seu principal método cognitivo. O filósofo voyeur¹³⁹, se valendo apenas do olhar, contempla passivamente o mundo à distância, sem o contato direto, sem um entendimento sobre a materialidade. Segundo Bachelard

[...] qualquer contemplação é uma visão superficial, uma atitude que nos impede de compreender ativamente o universo. A ação, em suas formas prolongadas, propicia lições mais importantes que a contemplação.¹⁴⁰

As filosofias formalistas que são criticadas por Bachelard ao longo de sua obra são dependentes da ocularidade, e por isso não compreenderam a matéria, nem em sua resistência, nem em suas transmutações materiais. Para o comentador François Dagognet, "para eliminar esta filosofia, é preciso por em causa os seus

¹³⁷ PESSANHA, J. *Vida e obra*. In: *Os pensadores*. Abril Cultural. São Paulo. 1978. p. xii.

¹³⁸ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 29. Grifo do autor.

¹³⁹ PESSANHA, J. Razão dialógica. In *Razões*. HÜHNE, Leda Miranda (Org.). Rio de Janeiro: Uapê, 1994. p. xv.

¹⁴⁰ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 48.

fundamentos, a ocularidade, a ociosidade de uma consciência que aponta ou contempla.”¹⁴¹

Com o objetivo de elaborar uma filosofia que deixasse de considerar o conhecimento da matéria como um conhecimento subalterno¹⁴², Bachelard se vale de dois atributos essencialmente materiais para a elaboração desse racionalismo sobre a matéria: a *resistência* e a *mescla de substâncias*. Para cada uma das instâncias materiais, Bachelard identifica uma consciência capaz de ocupar-se melhor com a instância específica. Isto significa que cada qualidade material é apreendida por racionalidades específicas, fornecendo, assim, discursos mais exatos e adequados. Assim, a resistência é apreendida pela *consciência obstinada*, já a mescla de substâncias, pela *consciência misturadora*.

Abordaremos primeiramente a resistência, pois se trata da instância que aporta a definição bachelardiana de matéria. Para abordar a noção de resistência material é imprescindível tratar das considerações que Bachelard faz a respeito da fenomenologia, assim como supervalorização do olhar enquanto extensão do pensar.

A resistência é a instância essencialmente material, primeiro por se furtar ao olhar. Não se compreende a resistência material de um objeto ao contemplá-lo passivamente, pois, segundo afirma Bachelard, “essa atitude objetiva recusa o contato, mantém as suas distâncias relativamente ao objeto”¹⁴³. Só se pode perceber a resistência a partir do contato, do trabalho, de atividades não somente intelectuais ou visuais.

A resistência, lembra Bachelard, será estudada somente a partir do objeto material, não abordará as reações da resistência do lado do sujeito. Esta distinção é importante, pois ao longo do livro *A terra e os devaneios da vontade* Bachelard diz que a matéria pode modificar o sujeito que a trabalha, funcionando como uma espécie de *psicanálise material*. O foco aqui é a resistência a partir do materialismo técnico, ou seja, do lado do conhecimento objetivo.

Bachelard começa sua argumentação sobre a resistência a partir de sua contraposição à fenomenologia de Husserl, que, por se embasar em termos visados,

¹⁴¹ DAGOGNET, F. *Bachelard*. Lisboa: Edições 70. 1965, p. 35.

¹⁴² BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 19.

¹⁴³ Ibid. p. 19.

da contemplação do olhar, associando, assim, a consciência à uma *intencionalidade*, que prejudica o conhecimento em qualquer esfera, mas principalmente quando o objetivo é abordar a matéria ou dos atributos materiais de um objeto. Para Bachelard,

[...] é inútil insistir na insuficiência de uma designação, com o visado, do complexo objeto-matéria, porque é toda a filosofia *primeira*, ainda que fosse uma filosofia da vontade, que nos falta para se procurar a *consciência do trabalho*, consciência específica verdadeiramente solidária da resistência da matéria.¹⁴⁴

Portanto, somente a consciência obstinada poderá dar conta da matéria enquanto resistência. A consciência obstinada torna a filosofia ativa: “Esta consciência obstinada de posse de um trabalho é uma espécie de reforço da consciência que se tem do objeto.”¹⁴⁵ Esse ‘reforço’ é conquistado porque essa consciência “aumenta o esforço do corpo”¹⁴⁶ sobre a matéria, despertando a consciência no próprio contato com a materialidade.

O corpo é elemento importante na perspectiva materialista bachelardiana, pois somente através dele há a apreensão adequada da matéria. Em *O compromisso racionalista*, no capítulo *Da natureza do racionalismo*, Gaston Bachelard defende que o homem racionalista tem que ser *encarnado*, ou seja, tem de apreender o mundo através de sua corporeidade, pois assim poderia vivenciar todas as “forças de seu corpo, todas as forças vigorosas, todo o vigor de seu pensamento.”¹⁴⁷

Assim, as instâncias materiais serão devidamente apreendidas, pois somente através do embate da resistência material com o corpo, somente neste contato é que se pode captar a materialidade do objeto, conforme mostra Marly Bulcão, em seu livro sobre a epistemologia bachelardiana:

[...] o materialismo é fundamentalmente uma filosofia que exalta a atitude de confronto entre homem e mundo, reduzindo o conhecimento a um corpo a corpo, através do qual a resistência se torna o aspecto mais fundamental.¹⁴⁸

¹⁴⁴ BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 20. Grifo do autor.

¹⁴⁵ Ibid. p. 21.

¹⁴⁶ Ibid. p. 21.

¹⁴⁷ BACHELARD, G. *El compromiso racionaliste*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores. 1976. Tradução própria. p. 55.

¹⁴⁸ BULCÃO, M. *O racionalismo da ciência contemporânea: uma análise da epistemologia de Gaston Bachelard*. Londrina: Editora UEL. 1999. p. 98.

E é nesse sentido que Bachelard defende um *tônus racionalista*, que se não for usado, perde-se o próprio racionalismo: “Existe um *tônus racionalista*; e se não o tem, se não se aproveita o momento em que o tem, não se é racionalista.”¹⁴⁹ E muito menos um materialista ou um racionalista em seu sentido material.

Ao ter sua razão encarnada em seu corpo, não apenas ter a visão como extensão do pensar, somente assim o filósofo poderá compreender a concretude material de um mundo que não se apresenta apenas como atributos formais e visuais.

Trataremos agora da consciência obstinada, de seus valores de resistência, e como essas noções bachelardianas se articulam com o pensamento do filósofo francês Henri Bergson.

A consciência obstinada não trabalha sozinha, entretanto, no que diz respeito à consciência da materialidade: ela precisa se embasar em *garantias de resistência*, que funcionariam como parâmetros para a conceitualização e classificação dos materiais. Ao tratar da consciência obstinada e da doutrina de solidez, Bachelard argumenta contrariamente a Bergson, que falava de uma *doutrina dos sólidos*, que serve como um exemplo do excesso de valorização à forma que a tradição filosófica pratica. Para Bachelard, a doutrina bergsoniana tratava apenas da geometria dos objetos, em sua forma, em caracteres de determinação visual. Dava, portanto, maior importância a esses atributos, subestimando as características materiais, que entendia ser apenas um meio para a construção de um fim maior, fim esse que consistiria na geometricidade do objeto.

A resposta de Bachelard a esse argumento de Bergson é essa:

Em muitos casos, o sólido não pode receber a sua forma geométrica senão em função da sua solidez. A matéria é, então, a consideração principal. A forma deve tornar-se tanto mais precisa quanto mais urgente for considerar a matéria que a recebe.¹⁵⁰

Nesta frase, Bachelard está argumentando contra o descaso dado à matéria. Concentram os esforços de pensamento, de atenção, de cálculo, sempre na forma, deixando a matéria por último. Ao subestimar a matéria, pode-se perder caracteres e

¹⁴⁹ BACHELARD, G. *El compromiso racionaliste*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores. 1976. Tradução própria. p. 55.

¹⁵⁰ Idem. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 22.

informações precisas, detalhes científicos percebidos somente no nível material. Bachelard pensa ser necessário

[...] descer à escala onde os coeficientes característicos da matéria trabalham ao nível da precisão técnica moderna, já que não podemos ficar satisfeitos com certezas puramente geométricas. A instância da resistência impõe-se tanto no pequeno como no grande.¹⁵¹

É ao nível do detalhe, da minúcia que vai além dos planos geométrico e visual, que encontramos elementos diferenciadores para a construção de uma nova postura da ciência, postura esta que tem como principal pressuposto ir além do formal, ir além da forma puramente visual. O plano visual imobiliza o homem do conhecimento, estancando seu progresso ao deixá-lo somente com suas intuições simplistas do mundo geométrico dos sólidos perfeitos:

O *homo faber* bergsoniano, imobilizado nas suas intuições simplistas do mundo geométrico dos sólidos perfeitos, perder-se-ia nas sutilezas da mesofísica, perante esta repentina 'flexibilidade' das intuições materialistas eruditas.¹⁵²

Além da resistência material, o outro atributo escolhido por Bachelard para fundamentar seu racionalismo da matéria é a mescla de substâncias, ou seja, e experiência das transformações materiais.

Assim como a resistência tinha uma consciência específica, essa instância material também tem sua consciência própria: trata-se da *consciência misturadora*, que Bachelard descreve primeiramente assim:

[...] consciência que acompanha vários objetos, várias matérias, que participa em tudo aquilo que se funda, em tudo aquilo que se insinua, consciência que se perturba diante de toda matéria que perturba. Só assim se compreenderá a diferença de compromisso da consciência perante o objeto e da consciência perante a matéria.¹⁵³

A consciência misturadora estuda as matérias em suas reações mútuas, pois é durante as experiências intermateriais que o materialismo se faz mais concretamente, e conseqüentemente, a ciência química se encontra mais ativa. "Ela se interessa pelos limites indecisos, pelas cores instáveis, pelos volumes mutáveis."

¹⁵⁴ E por isso trabalha justamente onde os limites estão mais vulneráveis, em um

¹⁵¹ BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 23.

¹⁵² Ibid. p. 24.

¹⁵³ Ibid. p. 25.

¹⁵⁴ Ibid p. 26.

sentido positivo, pois é onde a matéria está prestes a se tornar outra matéria, em um *devenir químico*. Nesse momento de devir químico, onde os limites estão instáveis, e as possibilidades prestes a acontecerem, conceitos fixos e estáticos são muito precípuos: a substância está em vias de se transformar em algo que ela, a princípio, não é. Assim, a “química contemporânea é levada a considerar um *pluralismo horizontal*” ¹⁵⁵, no que diz respeito à definição das substâncias; sendo assim, a definição de uma substância deve ser feita a partir da incorporação de novas propriedades que antes não eram relatadas.

A segunda instância material, na verdade é um desdobramento da anterior, visto que as substâncias se mesclam a partir do contato com outras substâncias. O intermaterialismo é uma ação verdadeiramente volumétrica, onde a forma não é preponderante. O que está em jogo é o *contato* entra as matérias, a *resistência* que cada uma oferece a outra.

Bachelard fala desse pluralismo no livro *A filosofia do não* quando trata da dialética dentro da química contemporânea, que se afasta da química de Lavoisier, que tinha como princípio fundamental o substancialismo. O objetivo de Bachelard no capítulo dedicado à química é mostrar que a noção de substância não tem mais tanto peso, uma vez que a ciência abandonou o realismo ingênuo (esse realismo ingênuo é abandonado pela ciência em geral ao adotar a fenomenotécnica, que cria os objetos científicos, que não mais são dados recolhidos do real).

Retomaremos o capítulo *O não-substancialismo: os pródromos de uma química não-lavoisiana*, já anteriormente citado, pois é neste texto que Bachelard mostra que o conceito de substância não é mais válido para a química do novo espírito científico, “visto que é um obstáculo tremendo para a cultura científica” ¹⁵⁶. Há novas formas de se abordar a substância, a partir da junção a conceitos que antes não eram empregados juntamente, como por exemplo, matéria e energia, dando origem, assim, a uma categoria específica da química, a fotoquímica. O substancialismo é um obstáculo tremendo para a cultura científica ¹⁵⁷, ainda mais para o materialismo, pois afasta o que há de mais material em cada substância. Não enfocaremos os pormenores do capítulo, visto que nosso objetivo nesse momento é

¹⁵⁵ BACHELARD, G. *A filosofia do não*: Filosofia do novo espírito científico. Lisboa: Presença, 1991. p. 65. Grifo do autor.

¹⁵⁶ Ibid. p. 66.

¹⁵⁷ Ibid. p. 66.

tratar do intermaterialismo, da matéria que se transforma ao contato com outras matérias. Nesses momentos de intermaterialidade, a matéria é de fato preponderante à forma.

Este *devoir químico* mencionado pelo filósofo francês não recebia destaque pela química clássica:

O *devoir químico* foi durante muito tempo desprezado pela Química Clássica. A atenção concentrou-se nas substâncias, quer dizer, no ponto de partida e no ponto de chegada das trajetórias químicas. Apenas se conhecem as substâncias por pontos de partida e por pontos de chegada.¹⁵⁸

O *devoir químico* não era corretamente abordado, pois se detinha em aspectos formais, ou seja, os pontos de partida e chegada das transformações substanciais. Rejeitavam o que acontecia no durante do processo, que seria a parte mais profícua em termos materiais, pois a “própria matéria é que sai das prisões da forma”¹⁵⁹, sendo ela mesma que se daria sua forma devido às suas potências de deformação. Como consequência, teríamos que dizer que a forma não seria talhada a partir de seu exterior, e sim, seria um momento da matéria.

Para Bachelard “uma substância química pode mudar sua forma continuando a *mesma*”¹⁶⁰, pois ele entende que a forma não guarda o ser, a essência do objeto. Para o filósofo forma e objeto são apenas fases momentâneas da matéria:

Forma e objeto podem ser sinais enganadores: levanta, no máximo, um tema de investigação, uma questão ao estudo materialista. Quando muito, forma e objeto não são senão um instante da matéria. O tempo da matéria é mais vasto, mais fortemente condicionado que o tempo dos objetos.¹⁶¹

Bachelard defende também que o tempo da matéria é de maior duração íntima, somente captada pela matéria em trabalho. Assim, se apegar a conceitos como *forma e matéria, objeto e substância* pode ser complicado dentro desta ciência que se faz a partir de conceitos relativizados e abertos. Segundo Bachelard:

A unidade da substância, que uma ontologia primitiva supunha indiscutível, já não é mais do que uma visão esquemática que muitas vezes impede de ordenar o pluralismo dos estados diferentes da substância.¹⁶²

¹⁵⁸ BACHELARD, G. *A filosofia do não*: Filosofia do novo espírito científico. Lisboa: Presença, 1991. p. 77. Grifo do autor.

¹⁵⁹ Ibid. p. 26.

¹⁶⁰ Ibid. p. 81.

¹⁶¹ Ibid. p. 26.

¹⁶² Ibid. p. 83.

A palavra de ordem do novo espírito científico e da própria filosofia é pluralismo. Então, ficarmos presos em conceitos e práticas que limitam o pensamento é ficar atrás das movimentações evolutivas da ciência. Bachelard identificou que a matéria pode oferecer um leque variado de possibilidades por ser essencialmente plural. Mas, por ser sempre esquecida tanto pela ciência, quanto pela filosofia, teve pouca importância até ser valorizada pelo novo espírito científico do século XX.

Além do devir químico, outro ponto bastante relevante que iremos aproveitar da leitura de *A filosofia do não* consiste no que Bachelard chama de não-substancialismo, presente na química do novo espírito científico. O não-substancialismo ajuda a reforçar a teoria bachelardiana de que a matéria é não-substancial. Bachelard se diz partidário de uma teoria que exalta a matéria ao se embasar na matéria a partir dela mesma, sem caracteres formais. Ou seja, enquanto *força, resistência*, atributos não-substanciais.

Primeiramente, Bachelard demonstra que a química de Mendeleev capta um “caráter pluralista do elemento, o caráter simultaneamente não-realista e não-cartesiano da epistemologia dos elementos”¹⁶³. Abandonado o realismo ingênuo, sabe-se que o objeto científico da química contemporânea é a materialização de uma teoria.

Na tentativa de construir uma tabela de classificação dos elementos, Mendeleev os *descobria* à medida que realizava cálculos e *previa* a existência deles. Assim, o elemento é, na verdade, uma harmonia racional, porque é uma equação matemática.¹⁶⁴ A substância tal como os alquimistas e a filosofia tradicional conheciam não existe mais, visto que, no novo espírito científico, o elemento é designado como um complexo de *matéria-energia*: “a substância química é um complexo de matéria e de energia e que as trocas energéticas são condições fundamentais para as reações entre as substâncias”¹⁶⁵.

Como consequência disso, há o entrelaçamento das duas instâncias verdadeiramente materiais que Bachelard enumera em seu materialismo racional: “as trocas energéticas determinam modificações materiais e as condições materiais

¹⁶³ BACHELARD, G. *A filosofia do não*: Filosofia do novo espírito científico. Lisboa: Presença, 1991. p. 82.

¹⁶⁴ Ibid. p. 83.

¹⁶⁵ Ibid. p. 63.

condicionam trocas energéticas”¹⁶⁶. Resistência e transmutação material se completam nesta ciência que não se funda nem se realiza em um substancialismo primitivo, tão primitivo que acompanha o desenvolvimento do pensamento filosófico desde suas origens: “[...] vemos aparecer o tema novo da dinamização, verdadeiramente essencial da substância. A energia é parte integral da substância; substância e energia são igualmente ser.”¹⁶⁷

Para finalizar o capítulo, trataremos do materialismo racional bachelardiano em suas características filosóficas, como uma teoria epistemológica.

A partir do momento que houve um aprimoramento no método de apreensão da matéria, com conceitos e práticas adequados, surgiu uma racionalidade mais completa e mais abrangente, pois não censurava uma de suas vertentes. Bachelard fala-nos desse racionalismo materialista, ou materialismo racional que se configurou na química contemporânea, que não se prende a nenhuma espécie de substancialismos nem ignora a parte material do objeto.

O materialismo racional, que Bachelard afirma ser a filosofia mais complexa e mais variável que existe¹⁶⁸, é um pensamento progressivo que parte de uma nítida ruptura com todo o materialismo natural, ou seja, o senso comum. Isso significa que abandona as irracionalidades de um materialismo imaginativo, que é o mesmo que se faz presente em um estágio pré-científico onde esses elementos não-rationais se configuram como obstáculos que entravam o progresso científico.

Bachelard afirma que “a química é uma ciência do futuro porque é, cada vez mais, uma ciência que *abandona seu passado*.”¹⁶⁹ O filósofo está se referindo a um passado pré-científico que englobava elementos não racionais e imaginativos em seu bojo. Eliminação de irracionalidades é etapa fundamental para a elaboração de teorias filosóficas e científicas.

Ao abandonar as irracionalidades, o materialismo pode se adequar ao novo espírito científico que passou a reger o cenário da época. Esta é uma das características do materialismo erudito que Bachelard enumera:

¹⁶⁶ BACHELARD, G. *A filosofia do não*: Filosofia do novo espírito científico. Lisboa: Presença, 1991. p. 62.

¹⁶⁷ Ibid. p. 62.

¹⁶⁸ BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p.9.

¹⁶⁹ Ibid. p. 15. Grifo do autor.

[...] o materialismo científico se funda em virtude de uma racionalidade progressiva, por uma eliminação cada vez mais acentuada da irracionalidade das substâncias, pela anulação da contingência relativa das diversas substâncias.¹⁷⁰

As irracionalidades são eliminadas pelo processo de psicanálise do conhecimento científico, já mencionado anteriormente.

Com a sistemática eliminação de elementos não-rationais, pode-se dizer que o materialismo químico contemporâneo se configura como uma teoria cuja racionalidade se constrói progressivamente, à medida que ordena seus valores de racionalidade, conforme vemos na citação seguinte:

[...] O materialismo científico se funda em virtude de uma racionalidade progressiva, por uma eliminação cada vez mais acentuada da irracionalidade das substâncias, pela anulação da contingência relativa das diversas substâncias. [...] o progresso da química moderna está condicionado por uma ordenação dos valores de racionalidade.¹⁷¹

A ordenação dos valores de racionalidade trata-se de uma tarefa defendida por Bachelard também em outras obras como, por exemplo, *O compromisso racionalista*. No capítulo *Da natureza do racionalismo* Bachelard fala de uma “filosofia do ‘re’, ‘re’, ‘re’: recomeçar, renovar, reorganizar”.¹⁷² Para o filósofo, qualquer pensamento racionalista se funda em solos de recomeço, reconstrução e de reorganização.

Estar em constante fundação também é característica do materialismo. Esta característica de constante recomeço coloca em exame todo o fundamento da ciência, o que garantiria maior validade científica, uma vez que suas bases são verificadas e reinauguradas permanentemente. É nesse sentido que os intérpretes do pensamento bachelardiano dizem que a epistemologia desenvolvida pelo filósofo é uma epistemologia não-cartesiana: enquanto que o pensador moderno preocupava-se em fundar as bases de um pensamento geral, universal, cuja aplicabilidade fosse eterna, o filósofo contemporâneo defende a constante reformulação e verificação de conceitos basais, de práticas e atitudes de qualquer teoria de pretensão científica.

Como consequência, temos a reformulação de conceitos fundamentais, que por servirem de base, não eram postos à prova:

¹⁷⁰ BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 17.

¹⁷¹ Ibid. p. 17.

¹⁷² Idem. *El compromiso racionaliste*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores. 1976. p. 57. Tradução própria.

[...] a história recente da química abunda em remodelações tão profundas que o desenvolvimento da ciência se dialetizou de parte a parte. As palavras subsistem, mas sob a permanência dos nomes, há uma variação radical dos conceitos.¹⁷³

Aparentemente, os conceitos são os mesmos, mas na verdade somente os nomes permanecem. Houve uma reformulação profunda, material, nos conceitos-base, que se configuram como rupturas com a fase anterior da ciência.

Esta reformulação conceitual é devido a um excesso de dialética direcionado aos conceitos: “Os conceitos de base quase não tem validade que dure mais que uma geração”¹⁷⁴. Por isso há a necessidade de verificar e reorganizar os conceitos, pois eles são percíveis e corretos apenas dentro de um sistema, podendo ser necessário um rompimento para melhor funcionarem em outro método científico.

O materialismo erudito nasce de determinações do materialismo empreendido por Bachelard na vertente poética, porém o filósofo impõe características próprias do lado científico, ao tratar das implicações da matéria somente a partir de determinações objetivas.

A matéria é compreendida a partir da noção de resistência, e, portanto se furta a determinações visuais, característica essencialmente vinculada à forma. Há uma valorização da matéria, que enfim é analisada a partir de conceitos materiais.

A noção de resistência também promove o rompimento com o substancialismo, que Bachelard afirma ser característica do imaginário da matéria. A ciência do século XX compreende a matéria como força, não como algo substancial.

¹⁷³ BACHELARD, G. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70. 1990. p. 15.

¹⁷⁴ *Ibid.* p. 15.

4 CONCLUSÃO

Finalizamos nosso trabalho retomando brevemente o que foi analisado ao longo da pesquisa.

Defendemos a hipótese de que o materialismo erudito é consequência do materialismo desenvolvido por Bachelard na vertente poética. Bachelard compreende que cada vertente tem categorias e atitudes específicas, impõe rupturas entre o materialismo imaginativo, que compreende a valorização da matéria a partir do lado subjetivo, com o materialismo científico, que se preocupa com a matéria sob ponto de vista científico, objetivo.

Apresentamos no primeiro capítulo os principais conceitos de seu pensamento, em suas duas vertentes. No segundo capítulo, percorremos o desenvolvimento da primeira fase de sua vertente poética, mostrando como nasceram as pesquisas estéticas do autor, percorrendo a imagética dos elementos cósmicos. Vimos que essa abordagem dos elementos ocorre aos moldes substancialistas, e que Bachelard promove uma ruptura entre imaginação formal e material. Nosso autor também indica uma psicanálise material.

No terceiro capítulo, seguindo o caminho bachelardiano no que diz respeito ao tema do materialismo, tratamos do que o autor denomina de materialismo científico, ressaltando a nova configuração da química do século XX, que promove uma conceitualização peculiar de matéria, conceitualização esta que impõe uma filosofia de valorização da matéria.

Segundo Bachelard, a química do século XX, a partir da teoria dos quanta e da mecânica ondulatória, promoveu uma valorização da matéria, que, na tradição científica e filosófica, sempre fora considerada como o não-ser da forma. A matéria é enfim apreendida e tratada a partir de atributos essencialmente materiais, sem características visuais.

Porém, Bachelard aplica uma nova definição de matéria, argumentando que o substancialismo da matéria foi superado pelas novas teorias aplicadas na química,

sendo uma característica do período que Bachelard denomina de pré-ciência. O substancialismo também é peculiar ao materialismo imaginativo, conforme Bachelard argumenta.

O pensamento tradicional é excessivamente vinculado ao olhar, sendo esta uma crítica vivaz do pensamento de Gaston Bachelard. Pessanha a nomeia de ‘crítica ao vício da ocularidade’, encontrada ao longo de toda obra do filósofo, e combatida através da noção de materialismo aqui tratada.

O olhar não é a função primordial da filosofia bachelardiana, na verdade, ele rejeita a facilidade do olhar passivo. Segundo o filósofo francês, este olhar passivo norteia tanto a tradição filosófica quanto a científica, em seus métodos e em seus vocabulários. A crítica ao vício da ocularidade é encontrada ao longo de toda a filosofia bachelardiana através da exaltação, promovida por ele, da matéria.

Na via epistemológica, a ocularidade é combatida através da nova configuração da química do século XX que conceitualiza a matéria como resistência, o que significa quês esta só é apreendida através de determinações corpóreas, ou seja, não visuais.

Na via poética podemos encontrar a crítica à ocularidade através da distinção entre imaginação formal e material. Ao ir além dos contornos visuais, a imaginação rompe com a forma. Passa-se, então, a imaginar a matéria. Diz Bachelard:

Na solidão ativa, o homem quer cavar a terra, furar a pedra, talhar a madeira. Quer trabalhar a matéria, transformar a matéria. Então o homem não é mais um simples filósofo *diante do universo*, é uma força infatigável *contra* o universo, *contra* a substância das coisas.¹⁷⁵

Na vertente poética, a ocularidade é abolida na medida em que o sujeito entra em contato com o mundo através de seu corpo, valendo-se de seus atributos corporais para imaginar, sentir a resistência e através da imaginação material, se entregar aos devaneios decorrentes desse contato contra a concretude do mundo. Bachelard chama a atenção para “Esse curioso caráter físico de certos devaneios”¹⁷⁶, ou seja, os devaneios podem ocorrer também no corpo do sujeito que imagina, não apenas no intelecto, basta ele romper os limites da ocularidade e imaginar com toda a potência corporal.

¹⁷⁵ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade*: Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 24. Grifo do autor.

¹⁷⁶ Idem. *O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 132.

Com a questão da exaltação do corpo e da materialidade, que é um modo de combate à visão passiva e distante, podemos falar também da crítica que Bachelard faz contra a psicanálise, que Bachelard confronta ao sugerir uma *psicanálise material*.

Bachelard sugere que ao trabalhar a matéria o sujeito pode ser curado de suas mazelas psíquicas, em um processo denominado por ele *psicanálise material*. Enquanto Freud quer curar as mazelas inconscientes do sujeito através de um método de investigação memorial, Bachelard entende sua psicanálise material é um processo natural de formação do sujeito, através do trabalho: “o trabalho traz em si mesmo sua própria psicanálise, uma psicanálise que pode levar seus benefícios a todas as profundezas do inconsciente”¹⁷⁷. É basicamente um processo de autoconhecimento e de produção artística no qual Bachelard nos fala que a mão é virilmente psicanalisada pelo trabalho efetivo da matéria¹⁷⁸.

As forças ontológico-psíquicas são despertadas no sujeito na medida em que se trabalha a materialidade do objeto. Segundo Bachelard, a matéria é reveladora do ser, pois o trabalho leva o sujeito a entrar em contato com suas camadas psíquicas mais íntimas: “porque a matéria nos dá o sentido de uma profundidade oculta, impõe que desmascaremos o ser superficial”¹⁷⁹.

Bachelard foi um pensador de bastante relevância em seu tempo e, pode-se dizer que é ainda é um pensador influente na atualidade, pois deixou seguidores como Canguilhem e Dagognet que deram prosseguimento às idéias por ele defendidas, reformulando-as e renovando-as. Seu pensamento é importante para a adequada compreensão da ciência do século XX. No campo estético, mostra-se original ao sugerir nova possibilidade de crítica literária e ao atribuir à imaginação função primordial e também por ser independente em relação à percepção.

Deve-se ressaltar outra característica que imprime originalidade e relevância ao pensamento bachelardiano: o sentido pedagógico que a nova racionalidade teorizada por ele emprega, através da retificação de erros, do sentido de hierarquização entre teorias, mostrando que o espírito científico deve estar em situação de constante recomeço.

¹⁷⁷ BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade: Ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 114.

¹⁷⁸ Ibid. p. 66.

¹⁷⁹ Ibid. p. 92.

A importância de Bachelard na atualidade também pode, pois, como já dissemos antes ser constatada através de seus seguidores que retomando suas categorias deram-lhes vestimenta relevante e original. Entre estes podemos citar: Louis Althusser, François Dagognet, Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Michel Foucault.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Pierre. *Freud: a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

BARBOSA, Elyana ; BULCÃO, Marly. *Bachelard, pedagogia da razão, pedagogia da imaginação*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARBOSA, Elyana. *Gaston Bachelard: o arauto da pós-modernidade*. 2. ed. Salvador: Edufba, 1996.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos : Ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *A filosofia do não: Filosofia do novo espírito científico*. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. 5. ed. Lisboa : Editorail Presença, 1991.

_____. *A formação do espírito científico*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

_____. *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006,

_____. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A psicanálise do fogo*. Tradução de Paulo Neves. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A terra e os devaneios do repouso: Ensaio sobre a imaginação de intimidade*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *A terra e os devaneios da vontade: Ensaio sobre a imaginação das forças*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *El compromiso racionaliste*. 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina, 1976.

_____. *Essai sur la connaissance approchée*. 4. ed. Paris: J. Vrin, 1973.

_____. *Estudos*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. *Études*. Paris: J. Vrin, 1970.

_____. *Fragments d'une poétique du feu*. Paris: PUF, 1988.

_____. *La dialectique de la durée*. Paris: Boivin, 1936.

BACHELARD, Gaston. *La flamme d'une chandelle*. 5. ed. Paris: PUF, 1975.

_____. *La formation de l'esprit scientifique: contribution à une psychanalyse de la connaissance objective*. 14. ed. Paris: J. Vrin, 1989.

_____. *La philosophie du non: essai d'une philosophie du nouvel esprit scientifique*. Paris: PUF, 1940.

_____. *La poétique de l'espace*. 8. ed. Paris: PUF, 1974.

_____. *La poétique de la rêverie*. 6. ed. Paris: PUF, 1974.

_____. *La psychanalyse du feu*. Paris: Gallimard, 1938.

_____. *La terre et les rêveries de la volonté: essai sur la imagination de force*. 8. ed, Paris, 1977.

_____. *La terre et les rêveries du repos: essai sur les images de l'intimité*. 8. ed, Paris, 1977.

_____. *La valeur inductive de la relativité*. Paris: J. Vrin, 1929.

_____. *Lautréamont*. 7. ed. Paris: José Corti, 1974.

_____. *Lautréamont*. Tradução de Angelina Martín del Campo, México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

_____. *L'activité rationaliste de la Physique contemporaine*. Paris: PUF, 1951.

_____. *L'air et les songes: essai sur l'imagination du mouvement*. 10. ed. Paris: Jose Corti, 1976.

_____. *L'eau et les rêves: essai sur l'imaginaire de la matière*. 10. ed. Paris: José Corti, 1976.

_____. *L'engagement rationaliste*. Paris: PUF, 1972.

_____. *Le matérialisme rationnel*. 3. ed. Paris: PUF, 1949.

_____. *Le nouvel esprit scientifique*. 3. ed. Paris, PUF, 1966.

_____. *Le pluralisme cohérent de la chimie moderne*. 2. ed. Paris: J. Vrin, 1973.

_____. *Le rationalisme appliqué*. Paris: PUF, 1949.

_____. *Les intuitions atomistiques*. 2. ed. Paris: J. Vrin, 1975.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *O direito de sonhar*. Tradução de José Américo Motta Pesanha, Jacqueline Raas, Maria Isabel Raposo, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro. São Paulo: Difel, 1985.

_____. *O novo espírito científico*. Tradução de Juvenal Hahne Júnior. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. *O materialismo racional*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. *O racionalismo aplicado*. Tradutor não divulgado. Rio de Janeiro: Zahar, [].

BULCÃO, Marly. *O racionalismo da ciência contemporânea: uma análise da epistemologia de Gaston Bachelard*. 2. ed. Londrina: Editora UEL, 1999.

_____. (Org.). *Bachelard: Razão e Imaginação*. Feira de Santana: NEF/UFES, 2005.

_____; CÉSAR, Constança Marcondes. (Org.) *Perspectivas filosóficas de expressão francesa*, Rio de Janeiro: Booklink. 2007.

CANGUILHEM, Georges. Apresentação. In: BACHELARD, Gaston. *Études*, Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. *Du développement à l'évolution au XIX siècle*. Paris: PUF. 2003.

_____. *Dialectique et philosophie du non chez Gaston Bachelard*. In _____. *Études de l'histoire et de philosophie des sciences*, Paris: J.Vrin.

_____. *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris: J.Vrin. 1990.

DAGOGNET, François. *Bachelard*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70. 1965.

_____. *Les outils de la réflexion: épistémologie*. Paris: Empêcheurs de penser en rond, 1999.

_____. *Philosophie de l'image*. Paris: J.Vrin, 1986.

DESCARTES, Renée. *Meditações Metafísicas*. Tradução de J. Grinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores.)

FAURY DIB, Simone (Coord.). *Roteiro para apresentação das teses e dissertações da Universidade do Estado do Rio de Janeiro* – Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2007.

HYPOLITE, Jean. L'épistémologie de G. Bachelard. *Revue d'Histoire des Sciences*, Paris, jan. 1964.

KOYRÉ, Alexandre. *Considerações sobre Descartes*. Lisboa: Presença, 1963.

_____. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Lisboa: Gradiva, 1961.

LECOURT, Dominique. *Bachelard ou Le jour et La nuit* (Un essai du materialism dialectique). Paris: Bernard Grasset, 1974.

_____. *Bachelard: épistémologie*. (Org.) Paris: PUF. 1971.

_____. *L'épistémologie historique de Gaston Bachelard*. Paris: J. Vrin, 1969.

PAIVA, Rita. *Gaston Bachelard: A imaginação criadora, na poética e na sociologia*. São Paulo: Annablume, 2005.

PESSANHA, José Américo Motta. Bachelard: As asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. *Le droit de rever*. Tradução de José Américo Motta Pesanha, Jacqueline Raas, Maria Isabel Raposo, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro. Editora Difel. São Paulo. 1985.

_____. *Razão dialógica*. In *Razões*. HÜHNE, Leda Miranda (Org.). Uapê, Rio de Janeiro, 1994.

_____. *Vida e obra*. Abril Cultural. São Paulo. 1978. (Os pensadores).

POULIQUEN, Jean-Luc. Palestras ministradas na UERJ em 2003, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009.

SARTRE, Jean Paul. *A imaginação*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores).

_____. *A náusea*. Tradução de Silvano Santiago. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2006.

_____. *O imaginário*. Psicologia fenomenológica da imaginação. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *O ser e o nada*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LISTA DE EPÍGRAFES

PÁGINA 5:

BACHELARD, Gaston. *O materialismo racional*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70. 1990, página 13.

PÁGINA 15:

BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Tradução de Juvenal Hahne Júnior. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, página 121.

PÁGINA 33:

DAGOINET, François. *Bachelard*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70. 1965, página 44.

PÁGINA 54:

BACHELARD, Gaston. *O materialismo racional*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70. 1990, página 242.